



**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**

MARIA ROSA DO CARMO OLIVEIRA

**ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY/SE: BELEZAS, SABERES E  
SABORES DA TERRA E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.**

ARACAJU  
2023

MARIA ROSA DO CARMO OLIVEIRA

**ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY/SE: BELEZAS, SABERES E  
SABORES DA TERRA E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo do Instituto Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Mestre em Turismo.

Linha de Pesquisa: Gestão de Turismo de Base Comunitária (GTBC).

Orientadora: Profa. Dra. Irinéia Rosa do Nascimento.

Coorientador: Prof. Dr. Claudio Roberto Braghini.

ARACAJU  
2023

Oliveira, Maria Rosa do Carmo.

O46a Assentamento Moacir Wanderley/SE: belezas, saberes e sabores da terra e o turismo de base comunitária. / Maria Rosa do Carmo Oliveira. – Aracaju, 2023.

100 f.: il.

Dissertação – Mestrado Profissional em Turismo – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS.

Orientador: Profa. Dra. Irinéia Rosa do Nascimento.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Célia Aparecida Santos de Araújo

CRB 5/1030

MARIA ROSA DO CARMO OLIVEIRA

**ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY/SE: BELEZAS, SABERES E  
SABORES DA TERRA E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Programa de Pós-  
Graduação de Mestrado Profissional em  
Turismo do Instituto Federal de Sergipe,  
como requisito para obtenção do título de  
Mestre em Turismo.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Orientadora: Profa. Dra. Irinéia Rosa do Nascimento (Presidenta)  
Instituto Federal de Sergipe – IFS

\_\_\_\_\_  
Coorientador: Prof. Dr. Claudio Roberto Braghini (Vice-presidenta)  
Instituto Federal de Sergipe – IFS

\_\_\_\_\_  
1º Examinador: Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira (Membro Interno)  
Instituto Federal de Sergipe – IFS

\_\_\_\_\_  
2º Examinador: Prof. Dr. José Jonas Duarte (Membro Externo)  
Universidade Federal da Paraíba-UFPB

\_\_\_\_\_  
3ª Examinadora: Profa. Dra. Theresa Cristina Zavaris Tanezini (Membro Externo)  
Universidade Federal de Sergipe – UFS

## **CESSÃO DE DIREITOS**

É concedida ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Turismo (PPMTUR) do Instituto Federal de Sergipe (IFS), responsável pelo Curso de Mestrado Profissional em Turismo, a permissão para disponibilizar, reproduzir ou emprestar cópias desse trabalho. O autor reserva outros direitos de publicação, sendo que nenhuma parte deste trabalho de conclusão de curso de mestrado pode ser reproduzida sem autorização por escrito do autor.

---

Maria Rosa do Carmo Oliveira  
Instituto Federal de Sergipe – IFS

---

Profa. Dra. Irinéia Rosa do Nascimento  
Instituto Federal de Sergipe – IFS

---

Prof. Dr. Claudio Roberto Braghini  
Instituto Federal de Sergipe – IFS

## AGRADECIMENTOS

É tempo de gratidão. Vivi um turbilhão de eventos nunca imaginado, conheci a dor do difícil ciclo da vida, ao despedir-me precocemente de um grande parceiro de vida, amigo e amor Renilson Pinheiro dos Santos, em 2019, e no mesmo ano, muitos amigo(a)s, companheiro(a)s, especiais também nos deixaram. A tristeza vivida individualmente e coletivamente parecia não ter fim.

Parafraseado o ditado popular que diz “nada é tão ruim, que não possa ficar pior”, em 2020, vivemos a pandemia mundial da covid-19, uma tragédia. Sobreviver à pandemia foi um milagre em meio a tantas incertezas, perdas, medos e dores. Ver uma luzinha no final do túnel nesse cenário parecia impossível, mas em meio a todas essas turbulências, também houve muito cuidado, empatia, solidariedade e mãos estendidas. Rompendo o isolamento social, com auxílio das tecnologias *online*, foi possível conversar, chorar e pensar em novos caminhos. Voltar a estudar era o oxigênio que eu precisava. Então, tenho muito a agradecer, pela vida, pelas boas energias que me rodearam nessa caminhada, pelas parcerias desse novo ciclo.

Agradeço a minha família, por tudo, por acreditar em mim, por confiar em mim, pelo apoio incondicional às escolhas que fiz/faço em minha caminhada.

Obrigada, amigos queridos, por me incentivarem nos dias de muita dor, Aniely, Goreth, Adriano e Fabio, irmãos de coração que ganhei ao me mudar para o Estado de Sergipe, em 2015, agradeço por toda acolhida.

Agradeço as minhas amigas Beth e Lucinha, minhas referenciais de luta, pelo afeto, amizade, cumplicidade e confiança em minha jornada.

Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), por essa grande trajetória de luta, resistência e conquistas ao longo desses 39 anos de história. Em especial ao MST/SE, a toda militância, os trabalhadores(as) rurais, em nome das lideranças Cleosvalda e José Roberto, obrigada pelo apoio e incentivo.

Obrigada ao PPMTUR - IFS, pela acolhida, troca e ensinamentos. Não foi nada fácil nossa vida *online*. Obrigada a cada professor(a) que esteve conosco nesse desafio, à equipe de apoio, Eunice e Luciano, e à coordenação, na pessoa da professora Ilka Bianchini.

Agradeço também à PROPEX - IFS, pelo apoio fundamental com o auxílio da bolsa de estudos, necessária e importante para que pudéssemos avançar na pesquisa, em sua organização/elaboração e resultados.

Aos meus colegas de turma, pessoas cheias de esperança, de saberes múltiplo. Aprendi muito com todos vocês, compartilhamos um universo de sentimentos e acontecimentos, que com certeza nos fortaleceu e contribuiu para chegarmos todo (a)s nessa fase de conclusão. Gratidão as minhas “colegas de linha de pesquisa” (Turismo de Base Comunitária), Kauane, Thamires, Eloiza e Geislane, sentirei saudades de nossas conversas e ajuda mútua.

Agradeço aos assentados(as) do Assentamento Moacir Wanderley, no povoado Quissamã, em Nossa Senhora do Socorro/SE, a quem serei eternamente grata pela acolhida a nossa proposta de pesquisa e construção conjunta dessa caminhada. Não há palavras que descrevam o quanto aprendi com vocês, o quanto nossas idas e vindas me energizaram. Meu carinho e respeito a cada um de vocês, a toda coordenação do Assentamento, em especial a Kelly, seu Celso, Dede, Acácia, Camilo, Marta, Samuel, Jessiane, Nego, Mariazinha, Pedro, Seu Luiz.

Gratidão ao apoio do assentado de Reforma Agraria e Deputado Federal pelo Partido dos Trabalhadores do Estado de Sergipe, João Daniel, e sua equipe, que acolheu e contribuiu para que nossa pesquisa andasse em meio às dificuldades operacionais com transporte, nas idas noturnas ao assentamento e dias chuvosos. Quero destacar o papel acolhedor de sua equipe. Obrigada Rose, amiga querida, Paulão e Cristóvão, grandes camaradas, pela disponibilidade e compromisso.

Obrigada querido Joatan Xavier, grande artista plástico, militante do MST, amigo e companheiro de luta, por nos presentear com seu dom, ao propor uma arte que sistematizasse as belezas do Assentamento Moacir Wanderley (Quissamã).

Obrigada ao professor Antônio José de Jesus Santos, do IFS Campus São Cristóvão, por ter se somado nessa parceria através das tecnologias de audiovisual, registrando um pouco desse lugar, de sua história e sabores. Sua contribuição traz muita alegria ao resultado dessa pesquisa.

Obrigada aos professores que participaram de nossa banca de qualificação, pelas valorosas contribuições e reflexões que orientaram o traçado de nosso trabalho, Profa. Dra. Eliane Dalmora, parceira em nossa caminhada do PRONERA no Estado de Sergipe, Prof. Dr. Claudio Braghini, coorientador desse estudo, pelo aprendizado compartilhado em nossa caminhada, e Prof. Dr. Jonas Duarte, pela partilha de sonhos e muitas reflexões sobre nosso país e nosso papel enquanto historiadores, obrigada por fazer parte de minha formação acadêmica e de minha história.

Obrigada à professora Irinéia Rosa do Nascimento, orientadora, parceira e amiga. Não há palavras para expressar minha gratidão, pela generosidade, solidariedade e troca de conhecimentos. Foi uma caminhada de muito aprendizado ao seu lado.

Por fim, a minha amada filha, Jady Oliveira Pinheiro, você é um presente iluminado, e sou eternamente grata ao seu papai, Renilson Pinheiro dos Santos, nosso amor, também por essa parceria. Ser seus pais foi e tem sido uma experiência carregada de muito amor, alegrias e aprendizados. Agora, somos eu e você, e contar com você nessa jornada (nas idas e vindas para o Quissamã, para o PPMTUR-IFS, nas atividades online), sempre com muita disposição, sorridente e cheia de expectativas por fazer suas próprias descobertas, me fortaleceu, animou e renovou em mim esperança e vida. Obrigada, meu amorzinho!

## RESUMO

Nas últimas décadas o espaço rural tem ganhado visibilidade para o desenvolvimento de atividades não agrárias que contribuem para a valorização da cultura, das tradições rurais, da conservação dos recursos naturais e geração de ocupação e renda. O engajamento da agricultura familiar ao turismo rural de gestão comunitária é apontado como uma alternativa dentro da concepção de promoção de um desenvolvimento rural sustentável. O presente trabalho teve como objetivo realizar um estudo participativo sobre a dinâmica do assentamento Moacir Wanderley, visando explicitar os potenciais atrativos para a organização e implantação de atividades de Turismo de Base Comunitária. Para tanto, a pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação seguiu a corrente filosófica fenomenológica. Os dados primários foram coletados a partir da observação participativa da pesquisadora e do uso de metodologias participativas de acordo com Verdejo,(2007); ECOAR (2007). Para o levantamento de dados secundários foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais. Na análise dos dados foi utilizado o método da triangulação segundo Denzin, (2009) e análise de conteúdo Bardin (2011). O assentamento Moacir Wanderley dispõe de recursos singulares e indenitários considerados como potenciais turísticos, possibilitando a realização de vivências voltadas para o conhecimento da realidade das famílias assentadas, do patrimônio histórico presente no assentamento, e para o entendimento da organização social da comunidade, através das rodas de conversas. Ainda, a produção agropecuária nos quintais e lotes produtivos, o artesanato e a culinária local, são alguns dos atrativos, que se somam aos recursos naturais visualizados na trilha ecológica da reserva natural no assentamento. A proximidade do assentamento a capital sergipana passa a ser uma vantagem no que se refere às visitas em áreas rurais, apesar da dificuldade de acesso ao assentamento, devido à inexistência de pavimentação da via principal. No entanto, a ocorrência de transporte público diariamente, pode minimizar os problemas de deslocamento. Ainda, em termos de infraestrutura, a comunidade conta com serviços públicos, a exemplo de posto de saúde, água encanada e recolhimento de resíduos sólidos, iluminação, fatores que favorecem o desenvolvimento do TBC na localidade. O Assentamento Moacir Wanderley é um território de luta, resistência e conquistas valorizadas pelos assentados. A identificação pelos sujeitos locais dos aspectos históricos e culturais, das paisagens e da organização social revela a autoestima da comunidade, necessária para o protagonismo das atividades de turismo comunitário.

**Palavras-chave:** Turismo de Base Comunitária; Agricultura Familiar; Assentamentos de Reforma Agrária.

## ABSTRACT

In recent decades, rural areas have been considered a propitious scenario for the development of non-agrarian activities that contribute to the appreciation of culture, rural traditions, conservation of natural resources and generation of employment and income. The engagement of family farming in community-managed rural tourism is seen as an alternative within the concept of promoting sustainable rural development. This work aimed to carry out a participatory study on the dynamics of the Moacir Wanderley settlement, aiming to explain the potential attractions for the organization and implementation of Community Based Tourism activities. Therefore, qualitative research of the action-research type followed the phenomenological philosophical current. Primary data were collected from the researcher's participatory observation and the use of participatory methodologies according to Verdejo,(2007); ECOAR (2007). For the collection of secondary data, bibliographical and documentary research was carried out. In the data analysis, the triangulation method was used according to Denzin, (2009) and Bardin content analysis (2011). The Moacir Wanderley settlement has unique and identity resources considered as potential for tourism, enabling the realization of experiences aimed at knowing the reality of the settled families, the historical heritage present in the settlement, and for understanding the social organization of the community, through the routes of conversations. Still, agricultural production in backyards and productive lots, handicrafts and local cuisine are some of the attractions, which add to the natural resources visualized through walking on the ecological trails of the settlement's natural reserve. The proximity of the settlement to the capital of Sergipe becomes an advantage with regard to visits in rural areas, despite the difficulty of accessing the settlement, due to the lack of paving on the main road. However, the occurrence of public transport on a daily basis can minimize displacement problems. Still, in terms of infrastructure, the community has public services, such as a health center, piped water and solid waste collection, lighting, factors that favor the development of TBC in the locality. The Moacir Wanderley Settlement is a territory of struggle, resistance and achievements valued by the settlers. The identification by the local subjects of the historical and cultural aspects, the landscapes and the social organization reveals the self-esteem of the community, necessary for the protagonism of community tourism activities

**Keywords:** Community Based Tourism; Family farming; Agrarian Reform Settlements.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CECAC – Centro de Capacitação Canudos  
CPT – Comissão Pastoral da Terra  
DRP – Diagnóstico Rápido Participativo  
Ecosol – Economia Solidária  
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas  
ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade  
IES – Instituições de Ensino Superior  
IFS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe  
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra  
MTUR – Ministério do Turismo  
NEA – Núcleo de Estudos Agroecológicos  
OMS – Organização Mundial de Saúde  
OMT – Organização Mundial do Turismo  
ONG - Organização Não Governamental  
ONU – Organização das Nações Unidas  
P.A. – Projeto de Assentamento  
PNAE – Programa Nacional da Alimentação Escolar  
Pronacampo – Programa Nacional de Educação do Campo  
PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária  
PT – Partido dos Trabalhadores  
Tucum – Rede Cearense de Turismo Comunitário  
Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas  
SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Sergipe  
TBC – Turismo de Base Comunitária  
Turisol – Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário  
UC – Unidade de Conservação  
UFS – Universidade Federal de Sergipe  
UNEB – Universidade Estadual da Bahia

UNESC – Universidade Estadual de Santa Cruz

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – N. Sra. do Socorro/SE: Localização Geoespacial do Assentamento Moacir Wanderley .....	36
Figura 2 – N. Sra. do Socorro/SE: Moradias da Agrovila do P.A. Moacir Wanderley .....	38
Figura 3 – N. Sra. do Socorro/SE: Estrada de Acesso do P.A. Moacir Wanderley .....	39
Figura 4 – N. Sra. do Socorro/SE: Entrada de Acesso P.A. Moacir Wanderley	39
Figura 5 – N. Sra. do Socorro/SE: Espaços de Lazer do P.A. Moacir Wanderley (A) Campo de futebol; (B) Rio Poxim Mirim .....	40
Figura 6 – N. Sra. do Socorro/SE: Roçados /com Plantio de Diferentes Espécies Vegetais no P.A. Moacir Wanderley .....	41
Figura 7 – N. Sra. do Socorro/SE: Centro Estadual de Capacitação Canudos (A) Ciranda Infantil; (B) Auditório; (C) Alojamentos; (D) Área de Recepção do Centro .....	42
Figura 8 – N. Sra. do Socorro/SE: CECAC (A) Refeitório; (B) Quiosques .....	43
Figura 9 – N. Sra. do Socorro/SE: Reunião de apresentação da proposta de estudo no Assentamento Moacir Wanderley .....	49
Figura 10 – N. Sra. do Socorro/SE: aplicação da ferramenta “o que essas mãos sabem fazer?” .....	52
Figura 11 – N. Sra. do Socorro/SE: Representação da História da Comunidade	55
Figura 12 – N. Sra. do Socorro/SE: Ocupação da Fazenda Quissamã pelos trabalhadores rurais sem terra .....	55
Figura 13 – N. Sra. do Socorro/SE: Assembleia dos Trabalhadores\as na Ocupação do Quissamã .....	57
Figura 14 – N. Sra. do Socorro/SE: Representação gráfica da linha do tempo GT Resistência .....	58
Figura 15 – N. Sra. do Socorro/SE: roteiro turístico organizado com visitação na Mata do Assentamento Moacir Wanderley .....	61
Figura 16 – N. Sra. do Socorro/SE: Mapa da Comunidade do GT Quissa .....	62
Figura 17 – N. Sra. do Socorro/SE: Apresentação do Grupo Resistência dos	

atrativos em potencial do assentamento Moacir Wanderley .....	63
Figura 18 – N. Sra. do Socorro/SE: Oficina sobre Turismo e TBC .....	68
Figura 19 – Princípios do TBC .....	69
Figura 20 – N. Sra. do Socorro/SE: Planejamento da visita no Espaço Quissa, Assentamento Moacir Wanderley (A) Reunião; (B) Delimitação das funções .....	73
Figura 21 – N. Sra. do Socorro/SE: Chegada dos estudantes nas habitações comunitária (hospedagem) .....	75
Figura 22 – N. Sra. do Socorro/SE: Roda de conversa no Espaço Quissa .....	76
Figura 23 – N. Sra. do Socorro/SE: Quintais produtivos agrovila do Assentamento Moacir Wanderley (A) Produção de hortaliças (B) Criação de peixes .....	77
Figura 24 – N. Sra. do Socorro/SE: Troca cultural entre visitantes e comunidade local .....	77
Figura 25 – N. Sra. do Socorro/SE: Caminhada pela trilha do Rio Poxim Mirim (A) Mhatas Ciliares; (B) Nascente do Rio .....	78
Figura 26 – Nuvem de palavras com expressões dos visitantes .....	79
Figura 27 – N. Sra. do Socorro/SE: Iniciativas de proteção à natureza (A) Distribuição de mudas para visitantes do Assentamento Moacir Wanderley; (B) Campanha Nacional do MST para promoção do reflorestamento .....	80
Figura 28 – N. Sra. do Socorro/SE: Avaliação sobre a visita .....	81

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Habilidades e expectativas dos assentados do Moacir Wanderley ....	51
Quadro 2 – Atrativos identificados pela comunidade do Assentamento Moacir Wanderley .....	64
Quadro 3 – Limitações e suas implicações para o turismo .....	70
Quadro 4 – Custos para a visitação por pessoa .....	73
Quadro 5 – Programação da visita “Vivência, Saberes e Sabores” no Assentamento em Quissamã (Nossa Senhora do Socorro/SE) .....	74

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>2 CAPITULO I : REVISÃO TEÓRICA</b> .....	<b>26</b>
2.1.REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO TURÍSTICO E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA .....	26
2.2.A MULTIFUNCIONALIDADE DO ESPAÇO RURAL E A PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO PELA AGRICULTURA FAMILIAR .....	30
2.3.O ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA MOACIR WANDERLEY .....	36
<b>3. CAPITULO II : METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	<b>44</b>
<b>4. CAPILO III : RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>49</b>
4.1.DIÁLOGOS SOBRE O POTENCIAL DO ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO COMUNITÁRIO .....	49
4.2.OS ASSENTADOS DO QUISSAMÃ: SUAS HABILIDADES, EXPECTATIVAS E AS SUAS HISTÓRIAS DE CONFLITOS E DE CONQUISTAS.....	50
<b>4.2.1 Oficina “O que essas mãos sabem fazer? O que essas mãos são capazes de fazer?”</b> .....	<b>50</b>
<b>4.2.2 Oficina Calendário Histórico/Linha do Tempo</b> .....	<b>54</b>
4.3.O OLHAR DOS ASSENTADOS PARA SUAS POTENCIALIDADES E O TURISMO.....	62
4.4.TURISMO E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: CONSTRUINDO NOVOS SABERES.....	67
4.5.ENCONTRO ENTRE A TEORIA E A PRÁXIS: CONSTRUÇÃO DA VIVÊNCIA SABERES E SABORES, CAMINHOS PARA O TBC NO ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY.....	72
<b>4.5.1 “Vivência, Saberes e Sabores” no Assentamento Moacir Wanderlei. ...</b>	<b>74</b>
<b>4.5.2 Avaliação interna da visita: olhares da comunidade para o futuro</b> .....	<b>80</b>
<b>5. PRODUTO TECNOLÓGICO</b> .....	<b>84</b>
5.1.1 LOGOMARCA PARA O TBC NO ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY.....	85
5.1.2 CARTAZ(CARD) ATRATIVOS BELEZAS,SABORES E SABERES DA TERRA,NO ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY .....	86

5.1.3 VIDEO "BELEZAS,SABERES E SABORES DA TERRA" NO ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY.....	87
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO I QUESTIONARIO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO II FICHA DE CREDENCIAMENTO E AVALIAÇÃO DA VIVENCIA SABERES E SABORES.....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO III IMAGENS BELEZAS, SABERES E SABORES DA TERRA DO ASSENTAMENTO MOACIR WANDELEY.....</b>	<b>98</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As mudanças ocorridas no mundo ao longo do século XX transformaram as relações de produção e de trabalho nos diferentes setores socioeconômicos. No Brasil, a partir dos anos 60, o meio rural sofreu mudanças decorrentes do processo de modernização da agricultura, com a implantação de sistemas de produção concebidos dentro de um aporte tecnológico voltado para a maximização da produção agropecuária, centrados na monocultura e na concentração fundiária.

Os anos 80 e 90 foram marcados pela globalização dos mercados, com um modelo de produção agrícola que atendia a um crescente fluxo de bens, serviços, tecnologias e capital para além das fronteiras nacionais, entre estruturas e redes de produção, comercialização e regulação que, verdadeiramente, transcendem as fronteiras e a regulamentação nacional, incorporando entidades mais ou menos autônomas, vinculadas por interesses mais ou menos estáveis e de variável vulnerabilidade em face de um ambiente externo cada vez mais competitivo (GERRY, 1988).

Fernandes, Marques e Suzuki (2007) ressaltaram que, os impactos e as mudanças desencadeadas no mundo pelo avanço do processo de globalização, com base na ideologia neoliberal, atingem de forma contundente o campo, as florestas, as águas e as sociedades que fazem desses espaços seus territórios de vida. A competição estabelecida pela globalização intensificou o processo de exclusão da classe dos trabalhadores no campo.

Nesse contexto, os sistemas de produção agrícola e pecuária, direcionados para a produção em escala industrial, ganharam acesso aos mercados nacionais e internacionais. Por outro lado, os sistemas da agricultura familiar, que não se enquadraram no modelo de desenvolvimento vigente, buscaram estratégias de inserção no mercado, reafirmando a resiliência do campesinato.

Além das mudanças socioeconômicas, esse modelo de desenvolvimento trouxe consequências ambientais que ganharam ênfase a partir do final dos anos 90. A questão ecológica surgiu diante da discussão sobre os custos ambientais não contabilizados nos processos produtivos, em conjunto com uma visão crítica sobre crescimento econômico como condição suficiente para a promoção do desenvolvimento.

A Organização das Nações Unidas (ONU), no esforço de contribuir com a construção de um futuro sustentável para humanidade, elaborou um conjunto de metas e objetivos a serem alcançados, na chamada Agenda 2030, como forma de contribuir na orientação dos países membros para a superação dos grandes desafios socioeconômicos-ambientais (ONU, 2015), dentre as quais destacamos,

- Objetivo 1: Sem pobreza;
- Objetivo 5: Igualdade de gênero;
- Objetivo 10: Desigualdades reduzidas;
- Objetivo 11: Cidades e comunidades sustentáveis;
- Objetivo 12: Consumo e produção responsáveis;
- Objetivo 16: Paz, justiça e instituições fortes;
- Objetivo 17: Parcerias.

Essas premissas também foram estabelecidas para o meio rural, a partir da concepção de um desenvolvimento rural sustentável. O modelo de desenvolvimento rural sustentável surgiu com uma abordagem ambiental para o campo, onde os recursos naturais passaram a serem vistos não só para fins agrícolas, mas agregando usos sociais, como uma preocupação com a conservação da biodiversidade (GOMES, 2012).

Do debate sobre a ruralidade emergiu a visão da existência de diferentes espaços rurais e diferentes ruralidades, decorrentes dos distintos modos com que esses espaços são ocupados, explorados e vivenciados pelos vários atores que com eles se relacionam (CARMARGO; OLIVEIRA, 2012), e com ele, a multifuncionalidade.

De acordo com Maluf (2002), a noção de multifuncionalidade da agricultura é tomada como um “novo olhar” sobre a agricultura familiar, que permite analisar a interação entre famílias rurais e territórios na dinâmica de reprodução social, considerando os modos de vida das famílias na sua integridade, e não apenas seus componentes econômicos.

Dentro desta visão, o espaço rural assume uma diversidade de funções não agrícolas, a exemplo do turismo, com a valorização dos componentes locais. Souza e Klein (2019) reforçam que, na perspectiva de multifuncionalidade, território, diversificação, sociabilidade e desenvolvimento, estas dimensões podem levar a uma reflexão sobre o turismo no espaço rural.

No contexto da agricultura familiar, o desenvolvimento de atividades não agrárias, a exemplo do turismo, tem sido visto como uma alternativa de renda e ocupação no meio rural, contribuindo para a inserção dos agricultores familiares no mercado, para a preservação dos recursos naturais e para a valorização e reprodução da cultura e das tradições camponesas. Vale ressaltar que, a agricultura familiar é diversificada em produtos e em serviços, garantindo a sua reprodução em contexto nem sempre favoráveis.

As atividades de turismo com gestão comunitária enquadram-se na ótica da multifuncionalidade da agricultura familiar, considerando que o Turismo de Base Comunitária (TBC) propõe o envolvimento dos atores locais em todas as etapas do processo, assim como são gerenciados os processos produtivos na modalidade familiar.

De acordo com Mielke (2009), o TBC tem bases em um processo sustentável, construído por um grupo comunitário autônomo, capaz de realizar a própria gestão turística regional, que se insere na sociedade por meio das relações equilibradas com o poder público, entidades não governamentais e, principalmente, com o mercado - agências e operadoras turísticas.

Os agricultores familiares assentados em projetos da reforma agrária ganham destaque, considerando que, de uma forma geral, os assentamentos tendem a promover um rearranjo do processo produtivo nas regiões onde se instalaram muitas vezes anteriormente caracterizadas por uma agricultura com baixo dinamismo (NASCIMENTO & ANDRADE, (2022); MEDEIROS & LEITE (2004).

A diversificação da produção agrícola, as introduções de atividades mais lucrativas e, em alguns casos, as mudanças tecnológicas refletem na composição da receita dos assentados, afetando o comércio local, a geração de impostos, a movimentação bancária, entre outros, ocasionando efeitos sobre a capacidade do assentamento se firmar politicamente como um interlocutor de peso no plano local/regional (MEDEIROS & LEITE, 2004).

A dinâmica local estabelecida, a partir da implantação dos assentamentos, pode ser interessante para a promoção do turismo. Ainda, deve ser observada a organização social pré-existente nos assentamentos, fator necessário para a implantação e o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária.

Diante destas considerações, a presente pesquisa tem como objeto de estudo o Projeto de Assentamento da Reforma Agrária Moacir Wanderley, também conhecido como Assentamento Quissamã, localizado no Povoado Quissamã,

pertencente ao município de Nossa Senhora do Socorro, região metropolitana do estado de Sergipe. A presente pesquisa visa realizar um estudo participativo sobre a dinâmica do assentamento Moacir Wanderley, possibilitando explicitar os potenciais atrativos para a organização e implantação de atividades de Turismo de Base Comunitária. Com objetivos específicos de: a) Caracterizar os assentados do Moacir Wanderley, através das suas histórias de luta e de vivência no espaço rural, dentro da perspectiva desenvolvimento do TBC; b) Caracterizar os aspectos históricos, socioculturais, ambientais e econômicos presentes no local; c) Promover a discussão sobre turismo e TBC junto à comunidade; d) Elaborar, como produtos tecnológicos, materiais de comunicação com a capacidade de divulgação dos potenciais atrativos do assentamento.

O interesse na condução desta pesquisa se deve a experiência profissional adquirida pela pesquisadora junto aos assentamentos de Reforma Agrária coordenados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), através da participação no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), na condição de estudante (graduação e especialização).

Nessa trajetória profissional, a experiência é expressa na realização de trabalhos em entidades jurídicas (cooperativas, associações), em parcerias com instituições de ensino e extensão, como a Universidade Estadual de Santa Cruz (UNESC), localizada em Ilhéus/BA, a Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS).

As experiências de turismo comunitário que ocorrem em assentamentos da reforma agrária do Brasil, a exemplo do Centro de Formação Frei Sergio, localizado em Fortaleza/CE, pertencente à Rede Cearense de Turismo Comunitário (Tucum), foram às fontes de inspiração para a realização deste estudo no Assentamento Moacir Wanderley.

A literatura indica a realização de trabalhos e iniciativas de TBC em comunidades rurais no estado de Sergipe, como descrevem BRAGUINI; SANTOS; VIEIRA (2020, p. 41-42):

Em Sergipe, além da experiência da Ilha de Mem de Sá, [...], identifica-se outras iniciativas recentes com o TBC, com características e níveis de amadurecimento distintos, voltados para a sensibilização e capacitação de comunidades para o TBC e comercialização de roteiros, como no Povoado Ponta dos Mangues, em Pacatuba, no Quilombo Santa Cruz, em Brejo Grande, ambos no litoral Norte; no Quilombo Mocambo, município de Porto da Folha, na

região do sertão; na Ilha Grande, município de São Cristóvão, localizado na região metropolitana. Além destas, já houve ações pontuais com o TBC nos povoados Pontal e Terra Caída, município de Indiaroba.

No entanto, são poucos os estudos sobre turismo conduzidos em assentamentos da reforma agrária no estado de Sergipe. Assim, esta pesquisa perpassou pelo diálogo com a comunidade do Assentamento Moacir Wanderley sobre a implantação de atividades turísticas de base comunitária, tendo em vista que, o referido assentamento é palco de várias ações sociais, educativas e culturais da agricultura familiar.

O Assentamento Moacir Wanderley é um território conquistado através da luta pela terra, com sujeitos sociais portadores de uma história de resistência. As famílias são produtoras de diversos produtos agrícolas e não agrícolas, como uma estratégia da agricultura familiar de inserção no mercado. No local encontra-se o Centro de Capacitação Canudos (CECAC), que constitui um espaço de intercâmbio cultural, utilizado de forma comunitária e criativa pelos assentados do Quissamã. Também existem espaços de lazer e de vivências culturais onde ocorrem eventos como o Quissa Fest (festa de carnaval), a Festa Junina, e o torneio de futebol da Reforma Agrária, com a participação de vários agricultores de outros assentamentos do estado de Sergipe.

O interesse pela história do assentamento tem levado à elaboração de trabalhos técnico-científicos visando conhecer a realidade do local, os quais são desenvolvidos por estudantes e pesquisadores de Instituições de Ensino Superior (IES). A comunidade ainda é um espaço de visitas constantes de representantes de entidades não governamentais de atuação nacional e internacional. Essas ocorrências também motivaram a realização deste estudo, pensadas como possíveis expoentes turísticos para aqueles visitantes em busca de novas alternativas de lazer.

Cabe ainda ressaltar que, de acordo com Zandonadi e Freire (2012), a dinâmica do espaço urbano tem gerado uma demanda, uma necessidade por tranquilidade e relaxamento, ensejada pela busca por bem-estar físico e mental, tal qual por um estilo de vida mais saudável, tem despertado nos turistas a vontade de experimentar o convívio com modos de vida e costumes diferenciados do que se encontram no ambiente urbano.

Na busca de alcançar os objetivos da pesquisa, os elementos materiais e imateriais foram identificados e analisados como atrativos em potencial para o TBC, fornecendo subsídios para o planejamento das atividades turísticas no assentamento. Considerando o caráter inovador do trabalho no estado de Sergipe, associado ao diálogo com os princípios do turismo de base comunitária, os seguintes questionamentos embasaram a pesquisa em tela: 1) Como potencializar a experiência de luta, de conquistas e de organização social da comunidade em atrativo turístico? 2) Como o Turismo de Base Comunitária poderá contribuir para o fortalecimento da agricultura familiar, corroborando para o incremento das atividades desenvolvidas no assentamento? 3) Qual a percepção dos assentados a respeito da implantação do Turismo de Base Comunitária?

Em consonância com a problemática do estudo, a elaboração da pesquisa seguiu o método fenomenológico, e teve como tipo de pesquisa qualitativa, a pesquisa-ação, utilizada no intuito de contribuir para os processos de mudanças e de fomentar novas iniciativas locais decorrentes da implantação do TBC.

De acordo com esta linha de pensamento, a pesquisa decorreu por três categorias de análise: (i) o turismo como fenômeno, seus conceitos e as mudanças diante de novas demandas e desafios da sociedade contemporânea, no qual se destaca o Turismo de Base Comunitária em um cenário de alternativa para a inclusão e o empoderamento de comunidades historicamente excluídas das políticas públicas mais abrangentes para a promoção do desenvolvimento local; (ii) o espaço rural brasileiro, a agricultura familiar e camponesa, e o turismo enquanto ferramenta de fortalecimento da multifuncionalidade nos Assentamentos de Reforma Agrária; (iii) o Assentamento de Reforma Agrária Moacir Wanderley, seus aspectos socioeconômicos, ambientais e culturais e seus sujeitos a partir da proposta de implantação do TBC.

A partir dos resultados da pesquisa foram elaborados materiais de comunicação como produtos tecnológicos: uma logomarca para a promoção do TBC no assentamento Quissamã, um vídeo e um cartaz de divulgação com as informações necessárias às visitas. A construção destes materiais seguiu princípios éticos que garantiram a participação do coletivo de assentados nas definições e na elaboração dos materiais de comunicação.

Pretende-se que estes materiais auxiliem na promoção do TBC no Assentamento Moacir Wanderley, a partir da divulgação das paisagens, dos espaços seguros de lazer, somados aos depoimentos dos sujeitos envolvidos no processo

sobre a história do assentamento. Desta forma, contribuirá também para desmistificar a realidade dos assentamentos da reforma agrária, promovendo uma nova visão desta modalidade da agricultura familiar no estado de Sergipe.

Em consonância com a proposta de pesquisa, a sistematização das reflexões, está organizada em três capítulos: O capítulo 1, dedicado ao referencial teórico, Capítulo 2, sobre a metodologia da pesquisa e o Capítulo 3, com as reflexões acerca dos Resultados das Discursões.

## **2 CAPITULO I : REVISÃO TEÓRICA**

### **2.1 REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO TURÍSTICO E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.**

Com as transformações ocorridas mediante o advento da Revolução Industrial, a economia mundial passou por intensas mudanças entre a velha economia agrícola para economia industrial. No Brasil, o turismo também ganhou espaço a partir da organização e fortalecimento da indústria nacional. Antes de uma discussão sobre as relações do turismo e sobre os modelos de gestão da atividade, faz-se necessário um entendimento sobre o fenômeno turístico.

O objeto de estudo do Turismo é o próprio e nele se congregam também variáveis e métodos de análise de outras ciências mais tradicionais consolidadas. Essa conexão, além de conferir-lhe interdisciplinaridade, possibilitou ao longo do processo de seu desenvolvimento, que o Turismo atingisse mais amplitude e modernidade, podendo ser hoje definido como ciência da expressão do homem globalizado, competitivo, e que quer transcender rumo a uma nova visão de valores universalistas (BENI, 2003, p. 2).

Nas sociedades contemporâneas, o turismo tem sido percebido não apenas como lazer, mas também como possibilidade de vivências e experiências, em sinergia com a cultura do local, o ambiente, os patrimônios, as memórias e a historicidade dos sujeitos. No entanto, a respeito da construção e novos olhares sobre o Turismo, Castro, Guimarães e Magalhães (2013, p. 7) ressaltaram que “[...] trata-se de um fenômeno histórico complexo que causa impactos na economia, no planejamento e na gestão de localidades, nas condições de mobilidade, nas políticas de preservação ambiental, nas relações de hospitalidade e alteridade”.

Esse novo olhar sobre o fenômeno turístico é fruto dos questionamentos a respeito das atividades convencionas de turismo, pautadas na lógica de massificação. As críticas referiam-se aos impactos negativos para a sociedade, de maneira que as reflexões acerca de um turismo desenvolvido na perspectiva da sustentabilidade dos sistemas ganharam espaço a partir da década de 90. Segundo Silveira (2001), para o desenvolvimento sustentável do turismo é preciso que se formule e execute uma política territorial e uma estratégia de desenvolvimento local baseada no planejamento integrado da atividade política.

A Organização Mundial do Turismo (OMT) estipulou o ano de 2017 como o ‘Ano Internacional do Turismo Sustentável’, com o objetivo de ampliar a compreensão e conscientização da importância do potencial do turismo para o desenvolvimento sustentável, contribuindo dessa maneira para um consumo responsável dos serviços ofertados pelo turismo de modo a minimizar os impactos negativos no meio ambiente e nos aspectos socioculturais (BRASIL, 2017).

Na busca pela implementação de um modelo de turismo sustentável, é possível verificar no Plano Nacional de Turismo do Brasil (BRASIL, 2018, p. 1), a preposição de iniciativas para o período de 2019 a 2022:

- I. Estimular a adoção de práticas no setor turístico;
- II. Promover à integração da produção local a cadeia produtiva do turismo e do desenvolvimento do Turismo de Base local;
- III. Possibilitar o acesso democrático de públicos prioritários à atividade turística e;
- IV. Intensificar o combate à violação dos direitos de crianças e adolescentes no turismo.

Candiotto (2009) afirma que é fundamental analisar os processos, as intencionalidades e as implicações sócio espaciais nas localidades que recebem turistas, a fim de verificar onde estão ocorrendo avanços em termos de planejamento e gestão, e como estes avanços podem contribuir para reflexão teórica e para a tentativa de operacionalização do turismo sustentável, ou de forma mais coesa, de um turismo menos impactante e segregador.

Enfim, o Turismo Sustentável, portanto, em sua vasta e complexa abrangência, envolve (BENI, 2003, p.14): (a) compreensão dos impactos turísticos; (b) distribuição justa dos custos e benefícios; (c) geração de empregos locais diretos e indiretos; (d) fomento de negócios lucrativos; (e) injeção de capital com consequente diversificação da economia local; (f) interação com todos os setores e segmentos da sociedade; (g) desenvolvimento estratégico e logístico dos modais de transporte; (h) encorajamento ao uso produtivo de terras tidas como marginais (turismo no espaço rural); (i) subvenções para os custos de conservação ambiental.

A literatura aponta o Turismo de Base Comunitária como uma prática turística alternativa para o desenvolvimento local, com processos que objetivam o fortalecimento das comunidades, a sustentabilidade socioambiental, mediante princípios que se contrapõem as atividades turísticas de massa.

Experiências de Turismo de Base Comunitária no Brasil datam de meados dos anos 1990, e foram organizadas independentemente de ações públicas, constituindo-se em uma proposta de desenvolvimento turístico protagonizada pelas próprias comunidades, em meio à diversidade de experiências que envolvem fortemente os territórios e seus recursos, enfocando no protagonismo social da comunidade local. Para o Ministério do Turismo:

O turismo de base comunitária é compreendido como um modelo de desenvolvimento turístico, orientado pelos princípios da economia solidária associativismo, valorização da cultura local, e principalmente protagonizada pelas comunidades locais, visando à apropriação por parte dessas dos benefícios advindos da atividade turística. (BRASIL, 2008, p. 1):

O reconhecimento das diversas experiências do Turismo de Base Comunitária como fenômeno social e econômico, quanto às suas potencialidades, tanto do lado da oferta, quanto da demanda, tanto no âmbito dos espaços acadêmicos quanto das políticas públicas, podem ser observadas em Projetos da Rede Tucum, Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (Turisol) e Rede Caiçara de Turismo, por exemplo.

Estratégia de garantia de território e uma oportunidade para populações tradicionais possuírem o controle efetivo sobre seu desenvolvimento, sendo diretamente responsáveis pelo planejamento e gestão das atividades, estruturas e serviços turísticos propostos (TUCUM, 2008, p. 2).

Diante do exposto, compreende-se que o Turismo de Base Comunitária no Brasil, surge como resistência, como alternativa às pressões do mercado mundial do turismo de massa. Para Irving (2009), o turismo de base comunitária talvez represente um excelente 'laboratório' de construção de novas realidades e transformação social, no caso brasileiro, se for interpretado como alternativa ética, duradoura e humanizada.

A partir dos princípios que permeiam as diversas iniciativas e experiências de organização e gestão do Turismo de Base Comunitária, verifica-se, além de suas particularidades para organização da oferta de atrativos e vivências junto aos visitantes, a simbologia e visibilidade de identidades histórico-culturais que possibilitam o fortalecimento do território, da economia solidária e local. Em publicações do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) a respeito, é pontuado os princípios para o Turismo de Base Comunitária (ICMBio, 2018, p. 11-12), dos quais destacamos:

1. **Conservação da biodiversidade:** a conservação da natureza e a salvaguarda do patrimônio sociocultural local devem nortear as propostas de TBC;
2. **Valorização da história e da cultura:** o TBC deve ser capaz de desencadear um processo de reconhecimento, divulgação e valorização da história e cultura dos povos e comunidades locais e, quando necessário, envolver e estimular esses atores a compartilhar e a aprofundar o conhecimento sobre aspectos de sua história e memória coletiva;
3. **Protagonismo comunitário:** o TBC deve ser um modelo de desenvolvimento turístico com protagonismo comunitário no desenvolvimento das atividades e na tomada de decisões em todas as etapas do processo;
4. **Equidade social:** a partilha dos benefícios deverá ser de forma justa entre os atores envolvidos com a atividade, beneficiando, sempre que possível, a comunidade como um todo;
5. **Partilha cultural:** o TBC deve proporcionar oportunidades de trocas de experiências, saberes e conhecimentos entre diferentes culturas e modos de vida, sempre que essas oportunidades forem de interesse da comunidade;
6. **Atividade complementar:** o TBC deve buscar complementar às demais atividades desenvolvidas pela comunidade, de forma a contribuir para a geração de renda e para o fortalecimento e valorização dos ofícios e modos de vida local;

Silva e Martins (2012) ressaltam ainda que o processo de organização do TBC consiste em: (a) identificação pelas comunidades do potencial cultural, ambiental, social, tecnológico, político e econômico dos contextos onde habitam; (b) desejo de perpetuar heranças e legados dos seus antepassados como hospitalidade, crenças, valores, saberes, sabores e fazeres; (c) valorização de suas práticas; (d) ampliação de suas rendas por meio de produção associada; (e) participação popular por meio de colegiados a fim de participar das discussões sobre as necessidades das comunidades (nos temas de saúde, educação, saneamento,

transporte, entre outros) incluindo a atividade turística e as necessidades de infraestrutura, serviços, legislação, etc.; (f) busca de melhoria de condições de vida.

O TBC, portanto, se materializa a partir do protagonismo comunitário em torno da organização de atividades turísticas, pautada na construção de experiências de troca, de valorização da identidade e da história dos sujeitos da comunidade, da solidariedade, proporcionando a seus visitantes bem estar, e conexão por vezes com suas raízes e memórias afetivas.

## 2.2 A MULTIFUNCIONALIDADE DO ESPAÇO RURAL E A PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO PELA AGRICULTURA FAMILIAR

Ao longo do século XX, foram desencadeadas mudanças que emergiram no processo de modernização da agricultura no Brasil, as quais foram consolidadas com o processo de globalização sob a ótica do mercado para produção em escala global, acumulação de riquezas e concentração fundiária. Os sistemas de produção agropecuária, centrados na monocultura, e na concentração fundiária foram fortalecidos com a adoção de pacotes tecnológicos visando a maximização da produção no campo.

Fernandes, Marques e Suzuki (2007), destacam que as mudanças desencadeadas no mundo pelo avanço do processo de globalização com base na ideologia neoliberal, atingem de forma contundente o campo, as florestas, as águas e as sociedades que fazem desses espaços seus territórios de vida.

No Brasil, há em curso dois modelos de desenvolvimento agrícola para o campo: o modelo da agricultura do agronegócio, representado pelas grandes empresas transnacionais de produção do monocultivo para exportação, e da pecuária extensiva. De acordo com Fernandes (2013, p. 191-192), o agronegócio é “a expressão capitalista da modernização da agricultura, que tem se apropriado dos latifúndios e das terras para se territorializar”.

Em sua atuação, o controle dos produtos agrícolas e da comercialização, segue preceitos que incluem a extensiva utilização de agrotóxicos, a exploração da mão de obra local, a transgenia e a utilização intensiva de grandes máquinas, deteriorando, dessa maneira, os solos, desequilibrando os ecossistemas e meio ambiente, e desrespeitando, por vezes, as convenções internacionais de direitos humanos.

Por outro lado, a partir das resistências e lutas de agricultores, povos tradicionais, e povos da floresta, assim como trabalhadores rurais sem-terra, a agricultora familiar e camponesa permaneceram com práticas e princípios opostos a agricultura do agronegócio. A agricultura familiar e\ ou camponesa tem resistido aos pacotes tecnológicos da revolução verde, de maneira que tem se reinventado ao longo de sua trajetória, e buscado novas formas de organizar a vida, a cultura e produção, reafirmando a resiliência do campesinato.

A agricultura familiar, ao longo do processo histórico, sempre manteve um lugar no contexto do desenvolvimento econômico dos países por ser supridora de alimentos básicos para o mercado interno. No Brasil, a agricultura familiar, praticada nas pequenas propriedades surgiu à margem da grande propriedade e nunca teve uma política em seu benefício. A partir da década de 1990, ocorreram de forma significativa mudanças econômicas, sociais e políticas no espaço mundial. No contexto do espaço agrário brasileiro, o reflexo dessas mudanças pode ser constatado no âmbito da agricultura familiar que conquista um lugar importante neste cenário de transformações (SAVOLDI; CUNHA, 2010, p. 6).

O surgimento do debate sobre um modelo sustentável para o desenvolvimento do campo veio de encontro com as aspirações da agricultura familiar. O modelo de desenvolvimento rural sustentável surgiu com uma abordagem ambiental para o campo, onde os recursos naturais passaram a serem vistos não só para fins agrícolas, mas agregando usos sociais como uma preocupação com a conservação da biodiversidade (GOMES, 2012).

Deste debate, acenderam novas vertentes para a agricultura familiar, a partir da concepção da diversidade social, econômica e cultural do espaço rural, ou seja, as 'novas ruralidades' com conceito da multifuncionalidade. A trajetória histórica da formação do território brasileiro, em especial dos modelos implantados na Agricultura, precede os feitos realizados ainda no período colonial da história do país.

O conceito de rural passou a ser relacionado ao novo modelo de produção e trabalho, surgindo novas abordagens conceituais ligadas a ruralidade. Do debate sobre a ruralidade emerge a existência de diferentes espaços rurais e diferentes ruralidades, decorrentes dos distintos modos com que esses espaços são ocupados, explorados e vivenciados pelos vários atores que com eles se relacionam (CAMARGO; OLIVEIRA, 2012).

De acordo com Maluf (2002), a noção de multifuncionalidade da agricultura é

tomada como um 'novo olhar' sobre a agricultura familiar, que permite analisar a interação entre famílias rurais e territórios na dinâmica de reprodução social, considerando os modos de vida desses grupos na sua integridade e não apenas seus componentes econômicos. Assim, o espaço rural passou a incorporar uma diversidade de funções não-agrícolas, a exemplo do turismo, com a valorização dos componentes locais.

Com o processo de multifuncionalidade, a organização de atividades não agrícolas ganhou espaços significativos para o fortalecimento das famílias e ou comunidade, carentes de políticas adequadas para o seu desenvolvimento, que através de resistências e lutas sociais vão construir um espaço plural e multifuncional como alternativa para desenvolver uma agricultura sustentável. Os autores Souza e Klein (2019, p. 96) reforçam que “os turistas que buscam o rural privilegiam os aspectos culturais, ecológicos, naturais e artesanais dos produtos e serviços que nesse contexto são percebidos como autênticos”.

O desenvolvimento do turismo rural na agricultura familiar apresenta-se como possibilidade de incremento de renda, valorização do cotidiano e do fazer das famílias agricultoras, de modo que abordagens recentes sobre turismo no espaço rural refletem a diversidade e complexidade desse espaço, a exemplo do disposto em publicações do Ministério do Turismo:

Nos territórios rurais, os elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial manifestam-se, predominantemente, pela distinção da terra, notadamente focada nas práticas agrícolas e na noção de ruralidade, ou seja, no valor que a sociedade contemporânea concede ao lugar. Tal valor contempla as características mais gerais do meio rural: a produção territorializada e de qualidade, a paisagem, a biodiversidade, o modo de vida, a lógica familiar, a cultura comunitária, a identificação com os ciclos da natureza (BRASIL, 2010, p.18).

No espaço rural brasileiro, o turismo se inicia ainda na década de 70 e ganha importância no final dos anos 90, quando as experiências e perspectivas conceituais de turismo rural brasileiro ocasionaram a segmentação deste para efeito de compreensão, e nele foram apontados os diversos tipos de subsegmentos possíveis de serem desenvolvidos, a exemplo do agroturismo, turismo no espaço rural, turismo na agricultura familiar.

Do ponto de vista conceitual, verifica-se na literatura, uma diversidade de entendimentos que levam em conta questões como espaço geográfico, paisagem,

estrutura da propriedade, economia local, organização da família, cultura, relações sociais e modos de vida diversos, possíveis de encontrar no rural brasileiro. Tulik (2010, p. 7), afirma que “[...] no Brasil, as abordagens conceituais sobre turismo no espaço rural refletem essa diversidade, mas já se aceita, até mesmo no plano oficial, a existência de diversas manifestações do Turismo no Espaço Rural que não se incluem no Turismo Rural propriamente dito”.

Diante desses espaços possíveis de incrementar e potencializar as experiências na agricultura familiar e camponesa, o turismo tem sido inserido na perspectiva do turismo sustentável, em sua diversidade de segmentos e formas de organização, a exemplo do turismo rural de base comunitária, dando visibilidade, assim, aos seus modos de vida e manifestações artístico-culturais, visando à proteção do patrimônio histórico coletivo.

Os agricultores familiares assentados em projetos da reforma agrária ganham destaque nesse processo, considerando que, de uma forma geral, os assentamentos tendem a promover um rearranjo do processo produtivo nas regiões onde se instalam muitas vezes anteriormente caracterizadas por uma agricultura com baixo dinamismo.

A diversificação da produção agrícola, as introduções de atividades mais lucrativas, e em alguns casos, as mudanças tecnológicas refletem-se na composição da receita dos assentados, afetando o comércio local, a geração de impostos, a movimentação bancária, entre outros, com efeitos sobre a capacidade do assentamento se firmar politicamente como um interlocutor de peso no plano local/regional (MEDEIROS; LEITE, 2004).

De acordo com dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) indicam que, no Brasil, existem atualmente 9.431 assentamentos de reforma agrária, com 134.057 famílias beneficiadas, em 87.702.072 hectares de terras. No estado de Sergipe, os dados institucionais apontam para existência de 243 assentamentos com um total de 10.972 famílias assentadas (INCRA, 2020).

Os projetos de assentamentos organizados pelo MST estabelecem diversas iniciativas de interesse dos diferentes setores da sociedade, a exemplo do desenvolvimento de projetos de pesquisas e de extensão conduzidos por instituições de ensino superior, nas diversas áreas do conhecimento, assim como por instituições vinculadas a pesquisa e extensão rural, nos âmbitos municipal, estadual e federal, e por organizações não governamentais (ONG's).

Os assentamentos também são espaços de visitas e divulgação da memória de luta, através de intercâmbios técnicos e sociais, realizados por estudantes, agricultores, artistas, organizações sociais, sindicatos nacionais e internacionais. A respeito, GIANINI (2017, p. 69), destaca que:

A abertura às visitas nos assentamentos do MST pode ser também capaz de servir para romper visões estigmatizadas sobre a reforma agrária, especialmente, veiculadas pelos meios de comunicação de massa, os quais os mostram, geralmente, como baderneiros, marginais e foras da lei.

De maneira um pouco dispersa e recente, a bibliografia a respeito de iniciativas de Turismo em Assentamentos de Reforma Agrária, apontam elementos importantes para compreensão das mudanças espaciais, culturais, sociais e econômicas que têm ocorrido no campo brasileiro. Segundo os autores, PENA;BRASILEIRO;SANTOS(2010) , a prática do turismo em assentamentos apresenta diversas possibilidades aos visitantes: conhecer atrativos naturais e culturais, degustar a gastronomia típica, conhecer modos de produção, além de praticar atividades como passeios de caiaque e canoa em açudes, cavalgadas, passeio de carroça e caminhada ecológicas.

Assim, a atividade turística passa a ser uma ferramenta de contribuição para o desenvolvimento, social, político e econômico desses espaços. Em artigo publicado por Ramiro e Dias (2011, p. 15), ao pesquisarem assentamentos na região do Pontal de Paranapanema, em São Paulo, e assentamentos no estado do Mato Grosso do Sul, as autoras concluem que:

A prática do turismo nestes espaços aparece não apenas como uma atividade não agrícola capaz de gerar renda, mas também como forma de preservar e compartilhar as culturas existentes nesses espaços seja essas, de cultivo e plantio, de festas ou de crenças religiosas.

Na bibliografia mais recente, Sousa (2017), em sua incursão para levantar as experiências de turismo em assentamentos na região do nordeste do Brasil, identificou no estado da Bahia, 42 assentamentos com ocorrência de atividades turísticas em vários territórios, a exemplo da Chapada Diamantina, Recôncavo Baiano e sul do estado.

Na Paraíba, o autor supracitado identificou 03 assentamentos com atividades turísticas; em Alagoas, 03 assentamentos; no estado de Pernambuco, 04 assentamentos desenvolvem atividades turísticas; e no Ceará, foram identificados 04 assentamentos. Em todos foi identificada grande relevância da atividade turística, sendo que, em três deles, pôde-se identificar nitidamente a ocorrência do turismo comunitário, e apenas em um, o turismo rural.

De acordo com Sousa (2017), o assentamento Coqueirinho é o de maior destaque no Ceará, e um dos mais importantes casos de turismo em assentamento da reforma agrária no Brasil. Em 2004, a comunidade começou a se organizar para introduzir o turismo como uma pluriatividade no assentamento.

Em 2008, com a criação da Rede Tucum, o assentamento além de passar a integrar esta rede, também passou a ser beneficiado pelas ações desenvolvidas por ela, principalmente em relação à divulgação das comunidades pertencentes à rede, bem como através do trabalho de mobilização destas comunidades pela garantia dos seus territórios e da autonomia econômica das mesmas.

### 2.3 O ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA MOACIR WANDERLEY.

O Projeto de Assentamento Moacir Wanderley (Figura 1), foi criado pela Portaria n. 076 de 12 de agosto de 1993, do INCRA, beneficiando 37 famílias de agricultores (INCRA, 2020), a partir da desapropriação da Fazenda Experimental Quissamã, de propriedade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), abrange uma área de 355,9200 ha (coordenadas georeferenciais de 10°53'37"S e 37°10'46"W), e se encontra localizado no Povoado Quissamã, pertencente ao município de Nossa Senhora do Socorro, no estado de Sergipe. Segundo relatos das famílias assentadas, o mesmo leva esse nome "Moacir Wanderley", em homenagem ao antigo funcionário da EMBRAPA.

Figura 1 – N. Sra. do Socorro/SE: Localização Geoespacial do Assentamento Moacir Wanderley .



Imagens ©2023 CNES / Airbus, Maxar Technologies, Dados do mapa ©2023 50 m

O município sergipano de Nossa Senhora do Socorro situa-se no território da Grande Aracaju, e segundo o IBGE (2010), tem cerca 160.827 habitantes, em uma área de 155,018 km<sup>2</sup>, com taxa de urbanização de 96,9%, e população em ambiente rural de 3,1%, contemplando aproximadamente 21 comunidades, a exemplo dos residentes dos povoados Guajará, Oiteros, Bitá e Quissamã.

O Município de Nossa Senhora do Socorro faz parte do polo turístico sergipano Costa dos Coqueirais, do qual compõe os demais municípios (SERGIPE, 2021): Aracaju, Barra dos Coqueiros, Brejo Grande, Estância, Indiaroba, Itaporanga D'Ajuda, Laranjeira, Pacatuba, Pirambu e São Cristóvão.

Os polos turísticos de Sergipe são compostos por municípios que possuem características similares e ou complementam aspectos relacionados à identidade histórica, cultural, econômica e geográfica, e estão inseridos na instância de governança FORTUR-SE (Fórum Estadual do Turismo de Sergipe) (SERGIPE, 2021, p. 5).

Apesar de ser considerado um município com aptidão industrial, o setor primário de Nossa Senhora do Socorro encontra-se representado pela agricultura familiar, tendo como destaque a produção em unidades familiares individuais e em áreas localizadas em assentamentos da reforma agrária. O Assentamento da Reforma Agrária Moacir Wanderley é citado como um desses espaços de produção

agrícola, onde são desenvolvidos cultivos vegetais e criações de animais destinados ao sustento familiar e a comercializado do excedente na região. Além da vocação agrícola, o assentamento apresenta características peculiares que o diferencia dos demais espaços agrícolas do estado de Sergipe, a começar por sua localização geográfica, que corresponde aproximadamente a 17 km da capital Aracaju. Essa ocorrência facilita o acesso para participação de atividades de integração entre os agricultores familiares assentados em outros municípios sergipanos.

A localização próxima de instituições de ensino no âmbito federal também facilitou a consolidação de diversas parcerias formais no desenvolvimento de atividades de pesquisa e extensão rural, a exemplo dos trabalhos conduzidos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe(IFS). O Assentamento já foi considerado centro da Reforma Agrária em Sergipe, em decorrência de sua organização produtiva no processo inicial da luta e conquista da terra, por conta da sua representatividade, recebeu diversos visitantes locais, de outros estados e do exterior, interessados em conhecer a história de luta e conquista da terra pelos assentados.

Segundo Sá (2006), em 1991, no município de Nossa Senhora do Socorro, em Sergipe, quando da ocupação da fazenda Quissamã, o MST introduziu uma nova experiência de assentamento no estado, através da organização coletiva, desde a apropriação e uso do solo, passando pela organização do trabalho e finalizando na organização social, evidenciando, assim, uma concepção política de construção de uma sociedade socialista.

Constituído por lotes produtivos e uma Agrovila, o local o Assentamento dispõe de uma infraestrutura social de usos comuns como a escola, o posto de saúde e os lotes coletivos destinados à produção agrícola e pecuária, atualmente em estágio de transição agroecologia. Na Agrovila residem 37 famílias, englobando cerca de 220 habitantes (Figura 2).

Figura 2 – N. Sra. do Socorro/SE: Moradias da Agrovila do P.A. Moacir Wanderley.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2021.

O acesso para o assentamento se dá através da rodovia BR 101, km 89, e pode ser realizado por meio de variados transportes, como carro de passeio ou ônibus de linha que faz o percurso nos povoados próximos, saindo diariamente do centro da cidade de Aracaju. Um dos pontos de referência para chegar ao P.A. Moacir Wanderley é o Campus São Cristóvão do IFS (antiga Escola Agro técnica Federal), localizado a aproximadamente 2 km do assentamento. A partir do IFS Campus São Cristóvão, a estrada de acesso ao assentamento não tem pavimentação (Figura 3).

Figura 3 – N. Sra. do Socorro/SE: Estrada de Acesso do P.A. Moacir Wanderley.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2021.

A antiga porteira da fazenda experimental da Embrapa delimita a área do assentamento. A partir da porteira, a estrada é pavimentada, facilitando o acesso ao assentamento (Figura 4).

Figura 4 – N. Sra. do Socorro/SE: Entrada de Acesso P.A. Moacir Wanderley.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2021.

A comunidade dispõe de espaços de lazer, a exemplo do campo de futebol e do rio Poxim Mirim que atravessa a área do assentamento Moacir Wanderley, onde a comunidade desfruta e organiza momentos de socialização entre as famílias. Esses espaços também são utilizados pelas comunidades circunvizinhas e fazem

parte da programação cultural de eventos realizados no local, visando o intercâmbio entre os agricultores assentados da Reforma Agrária. A Figura 5 mostra os espaços de lazer do Moacir Wanderley.

Figura 5 – N. Sra. do Socorro/SE: Espaços de Lazer do P.A. Moacir Wanderley (A) Campo de futebol; (B) Rio Poxim Mirim.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2021.

As famílias cultivam em seus lotes e quintais diversos produtos agrícolas destinados a auto sustentação, à comercialização nas feiras locais e/ou destinados ao Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE). Nos roçados são cultivadas variadas espécies vegetais, a exemplo de macaxeira, feijão, milho, hortaliças, batata doce (Figura 6). Verifica-se também, a criação de animais como galinhas, caprinos, peixe nos quintais produtivos e gado de leite nos lotes maiores, com um número limitado de rebanho efetivo.

Figura 6 – N. Sra. do Socorro/SE: Roçados com Plantio de Diferentes Espécies Vegetais no P.A. Moacir Wanderley.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2021.

Em decorrência da necessidade da estruturação de um espaço para capacitações, formação política, reuniões, eventos científicos e intercâmbio entre os/as trabalhadores/as rurais sem terra e parceiros, foi fundado o Centro de Capacitação Canudos no Assentamento Moacir Wanderlei, que dispõe de um amplo espaço físico de convivência, com quartos para hospedagem, auditório, salas de eventos, refeitório e cozinha, quiosques e uma ciranda infantil, espaço educativo e recreativo para crianças (Figura 7).

O Centro Estadual de Capacitação Canudos (CECAC) é tido pelo Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra-MST e pela comunidade local como um espaço de grande representatividade, assim como para as demais comunidades assentadas no estado de Sergipe e na região Nordeste do país, que o visualiza como um lugar de memória da luta pela posse da terra, resgate da cultura camponesa, intercâmbio entre as comunidades, acolhida solidária e partilha de saberes e sabores dos sujeitos protagonistas de suas próprias histórias de vida, constituindo-se com um patrimônio coletivo da classe camponesa assentada pela Reforma Agrária.

Figura 7 – N. Sra. do Socorro/SE: Centro Estadual de Capacitação Canudos (A) Ciranda Infantil; (B) Auditório; (C) Alojamentos; (D) Área de Recepção do Centro.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2018.

De acordo com Sá (2006), o modelo inspirador para esta guinada política do MST em Sergipe foi à experiência igualitária e coletiva de Canudos. Como homenagem, foi criado um CECAC, com objetivo de ser um espaço de capacitação e formação política para assentados e acampados de toda a região Nordeste, com cursos periódicos.

Através de parceria com organizações não governamentais internacionais, o refeitório e os quiosques foram reformados nos anos de 2017 e 2018. Atualmente, o refeitório tem capacidade para ofertar alimentação para 500 pessoas simultaneamente (Figura 8).

O refeitório e os quiosques externos ao Centro são espaços não só de alimentação dos agricultores e dos participantes das diversas atividades promovidas no local ao longo do ano, sendo também um espaço de intercâmbio de saberes e sabores da alimentação saudável de base agroecológica.

Figura 8 – N. Sra. do Socorro/SE: CECAC (A) Refeitório; (B) Quiosques.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2018.

O referido patrimônio comunitário é muito importante para os sujeitos sociais que vivem na comunidade, e pode ser compartilhado com pessoas que buscam entender a luta social, as conquistas e as formas de organização das famílias assentadas, cenário cotidiano dos agricultores familiares na produção agrícola. Os autores Bartholo, Sansolo e Bursztyn (2009) destacam como o turismo comunitário engloba também a história de luta pela posse da terra, pela preservação do meio ambiente e pelo direito ao modo de vida tradicional.

O patrimônio comunitário é formado por um conjunto de valores e crenças, conhecimentos e práticas, técnicas e habilidades, instrumentos e artefatos, lugares e representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de representações tangíveis e intangíveis existentes e um povo. É estabelecida, portanto, uma relação de troca de saberes e viveres que são matéria prima para a atividade de turismo de base comunitária (MALDONADO, 2009, p. 29).

Ainda, o espaço rural brasileiro vem passando por um processo de mudanças, onde agricultores familiares, pescadores e extrativistas que habitam nesse espaço, vêm historicamente sendo excluídos do agronegócio e passam, portanto, a buscar novas alternativas de sobrevivência. Essas características do assentamento são, aqui, visualizadas preliminarmente como potenciais para o desenvolvimento de atividades de Turismo de Base Comunitária.

### 3. CAPITULO II : METODOLOGIA DA PESQUISA

O trabalho em tela foi conduzido no Assentamento Moacir Wanderley – Nossa Senhora do Socorro/SE, durante o período de 15 de setembro de 2022 a janeiro de 2023, seguindo as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa do IFS, formalizadas através da Resolução do Parecer nº. 5.635.666, aprovado em 11 de setembro de 2022.

Considerando a natureza aplicada da pesquisa, o presente trabalho foi conduzido a partir de corrente filosófica fenomenológica que se apresenta como uma abordagem interessante para reflexões e estudos em diversas áreas do conhecimento, em especial, nas reflexões acerca do fenômeno do turismo nas diversas sociedades e tempo.

Para Merleau-Ponty (1999) a fenomenologia da percepção é uma visão fenomenológica do homem, do mundo e seus acontecimentos, sendo aberto para os fatores existenciais e, assim ter a compreensão do que possa devir pelos aspectos apresentados. O método permite descrever, compreender e interpretar os fenômenos vividos e vivenciados pelos sujeitos.

Logo, compreender o ser humano como protagonista no processo de organização e vivência nas diversas atividades turísticas contribuirá nas reflexões propostas neste estudo, oportunizando que se entenda e perceba os elementos de luta, resistência e organização social enquanto potenciais para construção de novas experiências em assentamentos de reforma agrária.

Diante dos objetivos do trabalho, a pesquisa teve o caráter qualitativo e descritivo. Minayo (2011, p. 32) corrobora para este entendimento quando enfatiza que “[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...]”.

Na busca pela compreensão dos processos e fenômenos que se expressam no local de estudo, foi adotado como tipo de pesquisa qualitativa, a pesquisa-ação. De acordo com Thiollent (1988), a pesquisa-ação é definida como o tipo de pesquisa social, com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Trata-se de um método ou de uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação de informação. A metodologia das ciências sociais considera a pesquisa-ação como qualquer outro método. Isso quer dizer que ela a toma como objeto para analisar suas qualidades, potencialidades, limitações e distorções (THIOLLENT, 1988).

A questão da ação transformadora inerente à pesquisa-ação foi conduzida levando em conta a realidade da comunidade e os demais fatores que compõem o tecido social. Os procedimentos metodológicos contribuíram para reflexão sobre as possíveis mudanças das situações observadas na comunidade e nos sentimentos dos assentados, diante da proposta de implantação de atividades de Turismo de Base Comunitária.

Os dados primários foram obtidos através da observação da pesquisadora e da aplicação de ferramentas/técnicas participativas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), conforme Verdejo (2007) e ECOAR; USP; YORK (2007), mediante o enfoque no turismo rural de base comunitária. As ferramentas participativas foram aplicadas *in loco* na forma de oficinas junto à comunidade durante as visitas da pesquisadora e equipe auxiliarem, compostas por membros do Núcleo de Estudos Agroecológicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (NEA/IFS).

Considerando a necessidade de adoção de medidas preventivas decorrentes da Pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), objetivando a proteção à saúde e vida da população, conforme atos do Ministério da Saúde, descritos nas Portarias n.º 188, de 03 de fevereiro de 2020, e n.º 356, de 11 de março de 2020; e tendo em vista as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), as oficinas foram limitadas a um número seguro de participantes, seguindo o protocolo de segurança instituído nos assentamentos de Reforma Agrária de Sergipe pelo movimento social Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

Foram aplicadas as seguintes técnicas participativas de levantamento e análise de dados:

- i. Entrevistas semiestruturadas: as entrevistas foram realizadas junto lideranças locais e agricultores\as referenciais para a comunidade (primeiros agricultores assentados, responsáveis por estabelecimentos comerciais, artesãos). A ferramenta foi utilizada em todas as etapas da pesquisa, especialmente, na fase inicial quando gerou pontos de vista,

orientações e hipóteses para o aprofundamento da investigação, a definição de novas estratégias e a seleção de outros instrumentos (VERDEJO, 2007);

- ii. Linha do tempo e Calendário Histórico: possibilitaram conhecer os momentos importantes da vida dos assentados e do assentamento através da representação das sucessões históricas, com as mudanças que estes causaram no sistema de produção e ambiente num tempo predeterminado;
- iii. Mapas da produção e dos recursos naturais: auxiliou na criação de uma concepção compartilhada sobre a utilização dos espaços e dos recursos do assentamento. Possibilitou a identificação dos atrativos turísticos (potencialidades e limitações), segundo a visão dos assentados;
- iv. “O que essa mão já fez? O que essa mão é capaz de fazer?”: a ferramenta propicia o resgate da história de vida dos participantes, contribuindo para sua autoestima e autoconhecimento, resgatando a visão de futuro dos participantes, além de contribuir para seu protagonismo e engajamento social ECOAR; USP; YORK (2007).

O repasse de conhecimentos sobre turismo e TBC para a comunidade se deu através da realização da oficina: “Turismo e Turismo de Base comunitária: construindo novos saberes”, facilitada pela pesquisadora, com auxílio de membros do NEA/IFS.

Para o levantamento de dados secundários foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais. Foram consultados livros, artigos técnico-científicos em periódicos especializados, buscando o embasamento teórico necessário para compreensão dos temas abordados e discussão dos resultados.

Na pesquisa documental foram utilizados documentos técnicos institucionais, a exemplo de Relatórios Técnicos da Reforma Agrária do INCRA/SE e dados estatístico-geográficos da localidade, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Ainda, foram fontes de estudo, os dados produtivos, ambientais e sobre turismo, contemplando suas modalidades, mediante informações encontradas em documentos produzidos pelo Ministério do Meio Ambiente, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e Ministério do Turismo (MTUR), além dos acervos fotográficos da comunidade e do MST.

Os dados obtidos foram analisados a partir do método da triangulação. Entende-se a triangulação como um procedimento que combina diferentes métodos de coleta de dados, distintas populações (ou amostras), diferentes perspectivas teóricas e diferentes momentos no tempo, para consolidar suas conclusões a respeito do fenômeno que está sendo investigado (DENZIN, 2009). O conceito da triangulação abre a possibilidade de se trabalhar diversas perspectivas de compreensão da realidade em um único método, sobretudo na perspectiva da metodologia da pesquisa qualitativa.

As entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio, seguiram um roteiro constituído de tópicos sobre aspectos ambientais, sociais e produtivos (ANEXO I). As falas foram transcritas na íntegra no Microsoft Word 10, analisadas a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

A análise dos dados permitiu a elaboração de estratégias para as experiências de TBC na comunidade, assim como a elaboração dos produtos tecnológicos. Os produtos tecnológicos constaram da elaboração de materiais de comunicação, a saber: (i) Logomarca do TBC no assentamento, o qual foi elaborado dando ênfase aos elementos materiais e imateriais presentes no assentamento. Contou com o auxílio de um profissional o artista plástico Joatan Xavier, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

(ii) Vídeo sobre os atrativos turísticos que foram protagonizados pelos assentados do Quissamã, os quais foram selecionados de acordo com suas habilidades e disponibilidade. No material foram apresentados os atrativos turísticos eleitos pela comunidade em meio à história do assentamento e dos assentados.

A filmagem e edição contou com a colaboração do Prof. MSc. Antônio José de Jesus Santos, do Instituto Federal de Sergipe - Campus São Cristóvão. Para gravar os depoimentos, utilizou-se uma câmara Canon DSLR, com lente 18-135mm mediante o uso de um gravador zoom h5. Todos os materiais foram editados no programa Adobe Premier, onde foi possível fazer o tratamento do áudio (ou seja, substituir o áudio da câmara pelo do gravador), além de utilizar também o Google Earth para simular as transições de algumas cenas que se assemelha às gravações de um drone real.

(iii) Cartaz com informações sobre o assentamento (Card): esse material foi elaborado com base em cards de experiências de turismo rural divulgados *online*. Constaram de informações sobre a história do assentamento, atrativos turísticos, tipos de experiências disponíveis e informações gerais. O mesmo foi elaborado no

programa *Power Point* 2010, com recursos disponíveis no próprio *software*, tendo esse material gráfico o tamanho de 12 x 17cm.

## 4 CAPÍTULO III : RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 DIÁLOGOS SOBRE O POTENCIAL DO ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO COMUNITÁRIO

No primeiro ano da pesquisa foram iniciados os diálogos sobre turismo comunitário junto à comunidade, com a realização de uma reunião com as lideranças locais e membros (Figura 9), quando foi apresentada a proposta de estudo. De antemão, os pesquisadores foram recebidos com entusiasmo e muita ansiedade, de maneira que houve uma sinalização positiva das lideranças locais para o prosseguimento do estudo, ao tempo em que se colocaram à disposição para sanar possíveis dúvidas, acompanhar e participar de todo o processo.

Figura 9 – N. Sra. do Socorro/SE: Reunião de apresentação da proposta de estudo no Assentamento Moacir Wanderley



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2021.

O início da pesquisa coincidiu com a ocorrência da pandemia pelo novo Coronavírus (COVID-19), quando foi necessário aguardar o avanço da vacinação e seguir rígidos protocolos sanitários para que fosse possível manter um contato presencial constante com a comunidade local. Desta forma, os demais contatos iniciais foram feitos via ligação telefônica e/ou redes sociais (Whatsapp). Mediante a retomada de algumas atividades presenciais (flexibilização das condições de

isolamento), as representações da comunidade foram contatadas sobre as possibilidades de iniciar as atividades de campo com o máximo de segurança para a pesquisadora e colaboradores da pesquisa.

No ano seguinte, ocorreu uma reunião *in loco* com as lideranças visando à organização de um calendário de atividades. Foi um momento de gratos encontros após a fase mais crítica da pandemia. Dentre as diversas pessoas, estava presente uma assentada, empreendedora entusiasta do turismo rural, que atuava como promotora de diversos momentos culturais e recreativos na comunidade.

Ali foi possível perceber que a proposta inicial da pesquisa era de interesse da comunidade, pois além da receptividade das lideranças, já havia indícios ou tentativas, por parte da comunidade, em conhecer e se apropriar do turismo como ferramenta complementar de desenvolvimento local.

Ao tempo que as condições de Pandemia do Coronavírus iam possibilitando os reencontros, foi restabelecida uma rotina de visitas visando à realização de oficinas com a aplicação das ferramentas participativas, a obtenção de dados através de registros fotográficos, além de aprofundar as observações sobre o assentamento e os assentados.

#### 4.2 OS ASSENTADOS DO QUISSAMÃ: SUAS HABILIDADES, EXPECTATIVAS E AS SUAS HISTÓRIAS DE CONFLITOS E DE CONQUISTAS.

Os assentados colaboradores da pesquisa, com identificação de gêneros masculino (03) e feminino (05), faixa etária de 23 a 71 anos, foram aqui classificados como agricultores/criadores familiares multifuncionais, considerando que apresentaram habilidades diversas possibilitando o desempenho de diferentes funções agrárias e não agrárias.

##### 4.2.1 Oficina “O que essas mãos sabem fazer? O que essas mãos são capazes de fazer?”

A aplicação da ferramenta participativa “O que essas mãos sabem fazer? O que essas mãos são capazes de fazer?” foi utilizada para o entendimento do vasto universo que envolve a experiência individual, os sonhos e perspectivas dos assentados. Participaram da primeira oficina, representantes de 08 famílias de

assentados vinculadas à proposta do TBC. A sistematização dos dados possibilitou a elaboração do Quadro (1).

Quadro 1 – Habilidades e expectativas dos assentados do Moacir Wanderley.

O que essas mãos são capazes de fazer?			
Habilidades e experiências	Número	Perspectivas futuras	Número
Agricultor	08	Retomar os estudos	05
Trabalho coletivo	05	Aumentar a produção agrícola	3
Artesão	03	Empreender	2
Militância	03	Efetivar o TBC	4
Pescador	01	Independência Financeira	4
Microempreendedor	01	Auxiliar a família\ ter filhos	1
Componente do grupo de turismo comunitário	01	Construir uma praça no assentamento	3
Fitoterapeuta e massoterapeuta	01	Reativar agroindústria	1
Chefe de família		Fortalecer a fitoterapia	1
Contador de história	01		
Rezadeira	01		
Cozinheira	04		
Manicure	01		

Fonte: Elaboração própria, 2022

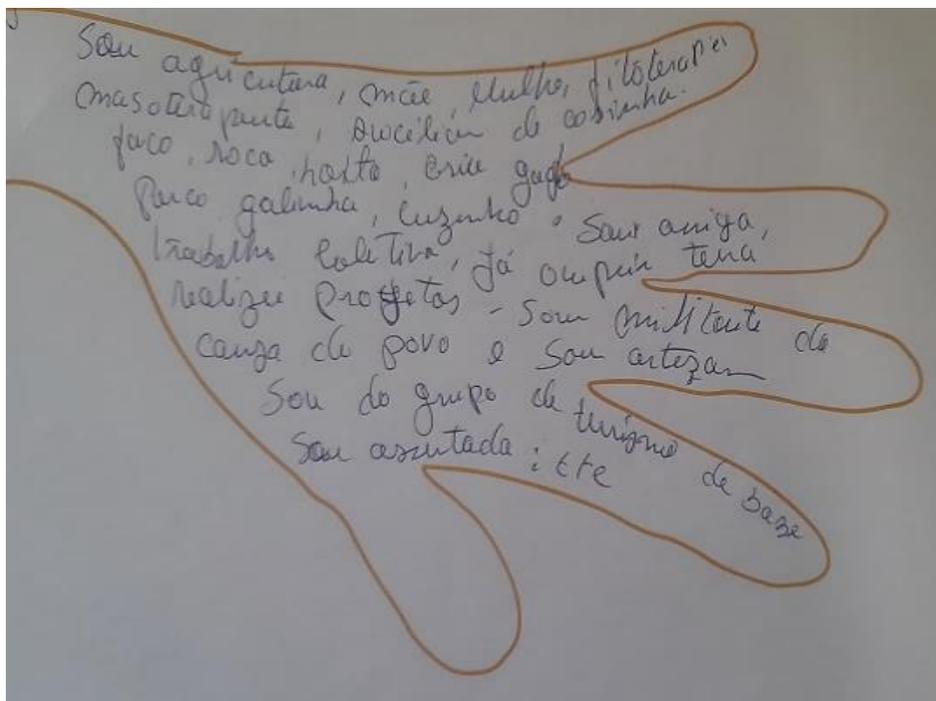
O conhecimento das habilidades e expectativas dos camponeses(as) “sem terra” do Quissamã trouxe à tona as identidades individuais e os elementos necessários para a organização da luta pela terra e para os primeiros passos de estruturação da comunidade, a exemplo da militância e do trabalho coletivo. Esses elementos também podem ser considerados como necessários para a implantação e efetivação do TBC na comunidade. A experiência na agricultura é um elemento importante para o desenvolvimento de atividades de turismo de base comunitária, no qual o protagonismo do agricultor e a produção agrícola são alguns dos atrativos principais.

Destaca-se ainda, o papel do contador de história, esse enquanto sujeito ativo de sua história e das memórias coletivas que poderão ser preservadas e repassadas

para as novas gerações e para os visitantes através da oralidade. Outros elementos culturais como a fabricação de artesanatos, a gastronomia local, a pesca e a fitoterapia, além de serem atividades que fazem parte do fazer cotidiano dos agricultores e agricultoras do Quissamã, são atividades potenciais para a composição da oferta de produtos no turismo de base comunitária.

A representação gráfica das habilidades e experiências dos assentados, ainda possibilitou a identificação dos participantes, a exemplo da assentada 1, que retratou em sua mão parte da sua trajetória como mulher e agricultura (Figura 10).

Figura 10 – N. Sra. do Socorro/SE: aplicação da ferramenta “o que essas mãos sabem fazer?”



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Refletindo sobre “O que essas mãos são capazes de fazer?”, os participantes do grupo trouxeram diversos elementos com perspectivas individuais e coletivas. Observou-se que a maioria dos participantes manifestou a vontade de retomar os estudos, e que o nível de escolaridade entre esses assentados variou do ensino fundamental incompleto, ao ensino médio e superior completos, sendo esse último representado por apenas um participante.

Os resultados indicaram também, os desafios de ordem das políticas que o assentamento enfrenta e ao qual é sujeito, a exemplo da forte demanda por acesso e continuidade da educação como um fator importante para a qualificação

dos agricultore(a)s jovens e adultos. Estudiosos da Educação do Campo tem apontado diagnósticos desoladores a respeito das ações públicas nos últimos quatro anos de governo nacional, balizada no conservadorismo.

Escolas no campo foram fechadas, programas e políticas públicas foram extintas, a exemplos do Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo), e do PRONERA, instrumentos que viabilizavam o acesso, a continuidade e a qualidade da educação de Jovens e Adultos no meio rural.

Diante de uma agenda estatal conservadora, as vozes ouvidas com muita luta desde o período de redemocratização política do Brasil e da Constituinte, as articulações e levantes da década de 1990, os avanços na primeira década de 2000, foram sendo arrefecidos pela crise econômica e rearranjos políticos da segunda década do milênio que vimos nascer, e silenciados com os governos de centro e de ultradireita do pós-Dilma. Nesse contexto a Educação do Campo sofreu com críticas ultraconservadoras, além de ter sido lançada na coleção de correntes ideologizadas a serem banidas de uma agenda política, por não ser compatível com o projeto de limpeza ideológica em construção, que deu sinal desde 2015 com o Projeto de Lei Escola Sem Partido (ALMEIDA; ARAUJO, 2020, p. 2).

O acesso e a continuidade aos estudos possibilitam que os camponeses jovens e adultos tenham acesso não somente ao conhecimento, mas também a qualificação técnica para o desenvolvimento de sua produção e do empreendedorismo, visando o desempenho de atividades de fortalecimento e complementares a agricultura familiar, a exemplo da agroindústria e do turismo de base comunitária.

Almeida e Araújo (2020, p. 13), em estudo a esse respeito, diz que “[...] o processo de fechamento tem sido contínuo e alcançou 12,3% do total das escolas rurais, entre 2016 e 2019”. Além do desmonte das políticas de educação, a extensão rural, o acesso aos créditos e o fortalecimento da agricultura familiar sofreram diversos impactos negativos com a política de governo durante esse período, cabendo aos trabalhadores e trabalhadoras rurais a constante luta e resistência.

Independentemente da situação vigente, ou talvez, justamente em decorrência dela, durante a oficina os pequenos trabalhadores rurais apontaram que almejam com ainda mais afinco a conquista de independência financeira e obtenção de recursos suficientes para auxiliar às suas famílias, considerando que, a renda média salarial é de 1 a 2 salários mínimos.

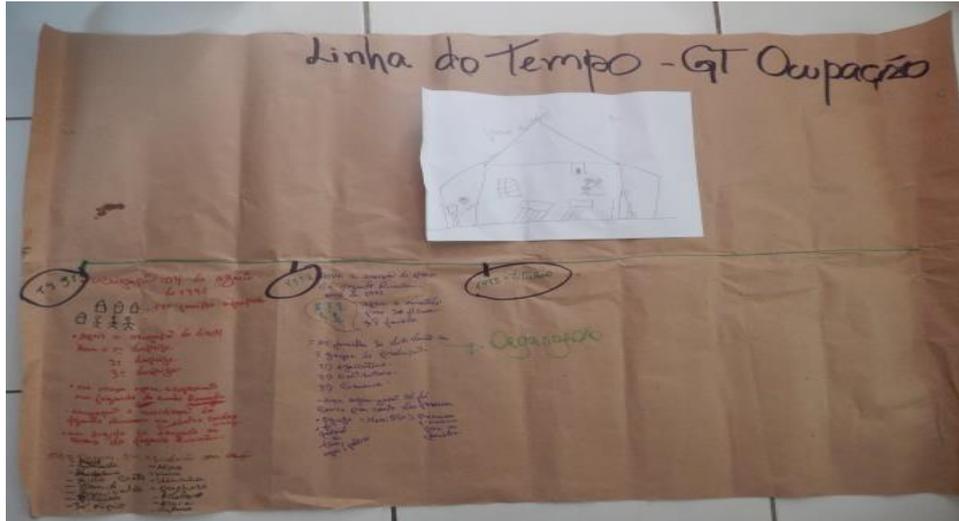
Outras questões discutidas durante a atividade foram o incremento da produção agrícola e a reabertura da agroindústria, a partir do trabalho coletivo. Ainda, foi citado o empreendedorismo com novas atividades; a efetivação do TBC no assentamento; e a construção de uma praça no local. Em suma, o grupo apontou como perspectivas futuras: o estudo, a produção, o empreendedorismo e o Turismo de Base Comunitária.

#### **4.2.2 Oficina Calendário Histórico/Linha do Tempo.**

Através da aplicação da ferramenta participativa Calendário Histórico/Linha do Tempo junto aos assentados do Quissamã, foi possível conhecer as sucessões históricas e identificar as mudanças que ocorreram ao longo da vida dos assentados e as relações com o processo de ocupação do assentamento. Assim, a trajetória dos assentados e do assentamento constitui uma só história, alternada por períodos de conflitos e de construção coletiva.

A segunda oficina contou com a participação de representantes de sete (07) famílias, que foram divididos em dois grupos de trabalho (GT) visando elucidar os diferentes períodos históricos de relevância para a vida dos assentados. O primeiro grupo foi autodenominado de GT Ocupação e o segundo de GT Resistência. A Figura 11 mostra a representação gráfica das informações históricas, elaborada pelo GT Ocupação.

Figura 11 – N. Sra. do Socorro/SE: Representação da História da Comunidade.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

O início da história de luta pela posse da terra no estado de Sergipe é datado, nos registros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a partir da década de 80. Segundo Morrissawa (2001), a formação do MST de Sergipe começou com a participação de 9 representantes no 1º Congresso Nacional do MST. Os conflitos por terra estavam, então, em plena efervescência nos municípios de Própria e Pacatuba. Já em setembro de 1985, com apoio do MST e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), 300 (trezentos) famílias ocuparam a Fazenda Barra da Onça, no município de Poço Redondo. A partir desse marco, é possível verificar a expansão da luta social dos trabalhadores rurais sem terra nas diferentes regiões do estado (Figura 12).

Figura 12 – N. Sra. do Socorro/SE: Ocupação da Fazenda Quissamã pelos trabalhadores rurais sem terra.



Fonte: Arquivos do MST/SE, 1991.

O grupo de trabalho Ocupação resgatou os elementos históricos do período de ocupação da fazenda Quissamã, ou seja, de 1991 a 1993. De acordo com os assentados, no dia 04 de agosto de 1991, 111 (cento e onze) famílias de agricultores acamparam na fazenda Quissamã. Até o ano de 1954, a fazenda era a sede da Estação Experimental de Algodão que, posteriormente, foi transformada na Estação Experimental de Pecuária Leiteira da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (SANTANA, 1997). No mesmo ano, ocorreram três despejos e os agricultores foram acomodados na fazenda do Sr. Bernardo, fazendeiro vizinho a área reivindicada pelos trabalhadores rurais sem terra.

De acordo com Filbo (2012), o despejo é o resultado, portanto, de uma ação judicial iniciada por um suposto proprietário do imóvel ocupado pela comunidade ou movimento social, a qual chama o Estado (inicialmente o poder judiciário, depois, o aparato policial) a se movimentar em prol de um hipotético direito de propriedade (às vezes do próprio Estado), contra as famílias que estavam ali exercendo seus direitos sociais de acesso à terra, ao trabalho, a saúde, a educação, ao lazer, a cultura e a moradia, dentre outros direitos humanos fundamentais.

[...] durante dois anos de ocupação e resistências, ordens de despejos sucessivas fizeram os trabalhadores sem terra se deslocarem de um lado para o outro. Chegaram a acampar numa fazenda vizinha, a convite do proprietário, e até em frente a sede do Governo do Estado a fim de “sensibilizar” o então governador João Alves Filho a encampar a causa dos “sem terra” (SANTANA, 1997, p. 49).

Nesse episódio, após cinco dias de ocupação na Praça Fausto Cardoso, os trabalhadores rurais foram removidos para uma área de treinamento do exército, denominada de Feijão e, após uma noite de incertezas e medo, foram removidos para a área de ocupação inicial, próxima ao Quissamã. As famílias que lutaram pela desapropriação da Fazenda Quissamã passam por processos similares às demais famílias que lutaram e lutam pela Reforma Agrária no estado de Sergipe e em todo o país.

O propósito era atender as necessidades de auto-sustento e assegurar a dignidade das famílias, enfim, ter um lugar para viver e produzir seus próprios alimentos. Apesar dos despejos, os agricultores continuaram reivindicando a ocupação da fazenda Quissamã, culminado na ocupação das casas da fazenda (Figura 13).

Figura 13 – N. Sra. do Socorro/SE: Assembleia dos Trabalhadores/as na Ocupação do Quissamã.



Fonte: Arquivos MST/SE, 1991.

No ano de 1992, no mês de abril, foi emitida a posse da fazenda Quissamã. Na ocasião foram assentadas 37 famílias no local. A maioria dessas famílias era oriunda do interior de Sergipe, formadas por agricultores meeiros e trabalhadores rurais desempregados. As demais famílias seguiram em luta pela terra em outras regiões do estado de Sergipe. Os assentados participantes da luta relatam que,

[...] em janeiro de 1991 (pausa), a esperança era a de ter um pedaço de terra, havia a necessidade de ter um lugar pra cuidar dos filhos. Não tinha casa, por isso um primo que já era assentado me convidou pra luta (Entrevistado n. 05).

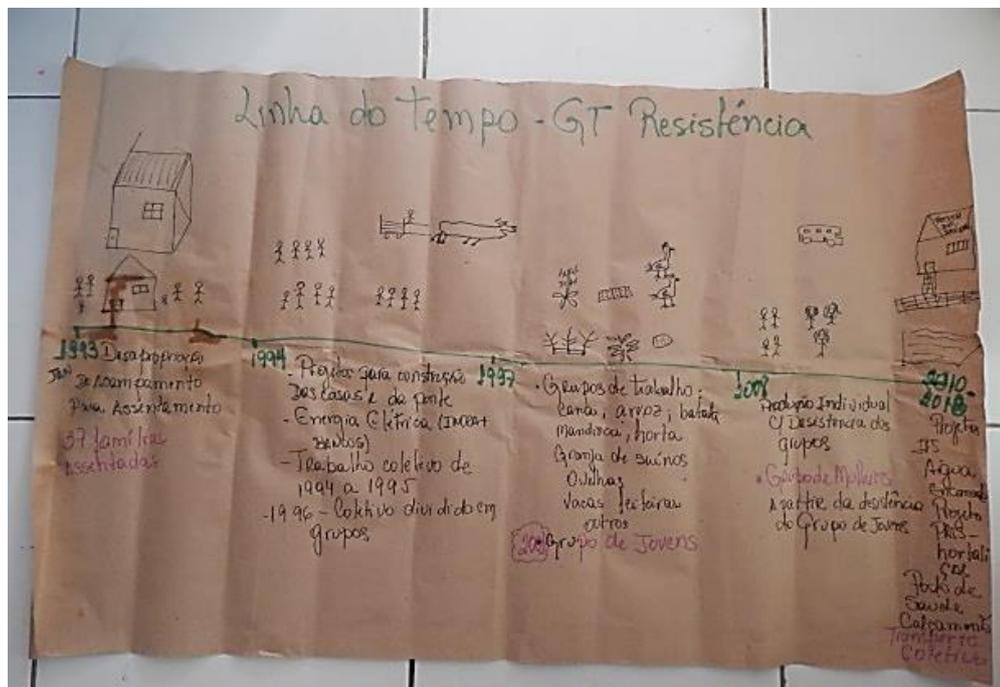
[...] vim em 1991 no acampamento, meus irmãos era militantes do movimento sem terra [...] eu vim fazer uma visita (expressão de riso), fiquei um mês, e depois retornei definitivo, com anos fiz o cadastro e já fiquei aqui (Entrevistado n. 03).

A partir da posse da fazenda, as famílias assentadas se organizaram formando três (03) grupos para o desenvolvimento das atividades agropecuárias no assentamento, a saber: agricultura – culturas permanentes – horticultura e pecuária. Os participantes do GT Ocupação afirmaram que, a divisão dos trabalhos só foi possível graças ao apoio de parceiros como a Pastoral da Terra e de políticos locais do Partido dos Trabalhadores, que também auxiliaram para que, no ano de 1993, as famílias recebessem o título da terra.

O grupo Resistência relatou a caminhada da comunidade após a conquista da terra, identificando os fatos de maior impacto para a comunidade no decorrer dos

anos seguintes. Conforme os membros do GT Resistência, as famílias assentadas se organizaram em grupos de trabalho para o desenvolvimento da produção agropecuária no assentamento, com o plantio de arroz, cana-de-açúcar, batata doce, mandioca e hortaliças, criações de animais como galinhas, ovinos e gado leiteiro. O grupo destacou que, a organização inicial do assentamento ocorreu de forma coletiva, a partir da formação dos grupos de produção que, impulsionaram a implantação da Associação Comunitária do Quissamã. A Figura 14 apresenta a representação gráfica das informações históricas elaborada pelo GT Resistência.

Figura 14 – N. Sra. do Socorro/SE: Representação gráfica da linha do tempo GT Resistência.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

O período de 1994 a 1997 foi marcado pela melhoria da infraestrutura do assentamento. Os participantes do GT Resistência retrataram os projetos de construção/reformas das moradias, a construção da ponte de acesso à comunidade, e a instalação da energia elétrica como políticas públicas de suma importância para que as famílias pudessem se estabelecer no local.

Observou-se que o grupo relatou, com certa reserva, o rompimento dos grupos de trabalho coletivo, a partir do ano 1996. O motivo da desarticulação do coletivo foi, segundo os assentados, os problemas de gestão da Associação Comunitária do Quissamã, além de outros conflitos internos. A partir de então, os

assentados decidiram trabalhar individualmente, resolução que afetou diretamente a organização dos demais espaços de participação coletiva no assentamento.

Simula (2017), refletindo as relações humana e a cooperação junto às diversas organizações populares, ressaltou que um Assentamento de Reforma Agrária, é uma comunidade de pessoas, de seres humanos sujeitos a acertos e equívocos, de maneira que o ideal de cooperação, trabalho coletivo, organização coletiva, participação e decisões em prol do coletivo são sempre desafiadores. Ainda, um desafio grande à cooperação é o fato da estrutura da sociedade ser baseada em valores opostos a ela, tais como: ânsia de lucro em tudo, competição, exploração, superficialidade e individualismo, em nome de uma falsa liberdade.

Apesar dos conflitos internos e do desmonte da forma coletiva de produzir, os assentados do Quissamã seguiram construindo espaços de participação coletiva importantes na comunidade, a exemplo do primeiro grupo de jovens, denominado de “Roda Jovem”. O grupo de jovens foi criado no ano de 2003, e contou com a participação expressiva dos filhos e filhas das famílias assentadas.

Espaço onde protagonizaram momentos de reflexão sobre as perspectivas dos jovens rurais, o grupo promoveu intercâmbios e eventos culturais na comunidade, a exemplo dos festejos juninos e outras festas comunitárias. Atualmente, o grupo de jovens vem encontrando dificuldades de articulação, devido ao abandono de muitos jovens em busca de emprego fora do assentamento.

Ainda no ano de 2008, as mulheres também se mobilizaram de forma coletiva para a implantação de uma horta comunitária e para confecção de produtos artesanais. Em meio às falas, o GT Resistência expressou, com muita força, a necessidade de avançar e viver novas experiências de cooperação no assentamento, tendo em vista que diversas conquistas e oportunidades decorreram da luta coletiva e da construção de parcerias. Segundo Simula (2017), cooperar significa agir junto com vistas a um fim comum. Cooperação oferece a possibilidade de aprender a se relacionar mais conscientemente com outros e desenvolver um maior autoconhecimento.

Durante a oficina foram citadas as parcerias firmadas com instituições de ensino técnico e superior (IFS e UFS) para o desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e extensão que ocorreram a partir de 2010. Relembrou também, que no período de 2010 a 2018 ocorreu a implantação de água encanada, calçamento da agrovila, instalação e funcionamento do posto de saúde, transporte coletivo para região metropolitana, e a implantação do projeto PAIS-HORTALIÇAS. Estas

conquistas foram fruto da busca e da mobilização da comunidade junto a órgãos públicos e privados, revelando o espírito de união e determinação dos assentados.

Vale ressaltar que, no mês de outubro de 2015, o estabelecimento comercial denominado de Espaço Quissa foi legalmente instituído no Moacir Wanderley. O estabelecimento foi construído por duas mulheres parceiras, assentadas, agricultoras e empreendedoras, a partir da junção de dois lotes da agrovila do assentamento. Nesse estabelecimento comercial são comercializados produtos alimentícios, de limpeza e higiene.

Castrillon *et al.* (2012) enfatizaram que a aparição desses pequenos negócios ajuda a geração de atividade econômica diversificada e dinâmica, contribui para melhorar a qualidade de vida da população e dinamiza a economia local. De acordo com uma das fundadoras, o local também é um espaço de lazer, onde é possível ouvir música e desfrutar de bebidas e pratos culinários:

[...] tudo se iniciou com a parte de eventos né?! [...] o Quissa Fest, em 2005, mais ou menos, é uma festa de carnaval pra o assentamento. Aí abrimos o barzinho, pra poder atender o pessoal [...] aí a gente fez o carnaval, fez o São João [...] tem também a parte social com o dia das crianças, a páscoa, o natal, cavalgada, tudo aqui no espaço (Entrevistada n. 01).

Com o passar do tempo, as sócias-proprietárias foram ampliando e agregando novas funções ao espaço, de maneira que o mesmo tornou-se uma referência na comunidade para a realização das atividades recreativas e sociais, assim como eventos culturais. No relato a seguir, verifica-se essa iniciativa, na busca de aperfeiçoar o espaço.

[...] agente começou a pensar em como organizar melhor o espaço, os clientes. Pensando assim, minha comadre deu a ideia da gente acessar o SEBRAE. “Começamos a fazer os cursos, eu fiz o de empreendedorismo cultural” (Entrevistada n. 02).

Em 2012, foi organizado o primeiro bloco de carnaval comunitário, o Quissa Fest, que inicialmente era uma atividade que percorria as ruas da comunidade, entretanto, nas últimas edições foram em formato privado, com venda de abadás. Em virtude dos custos e questões burocráticas municipais, foram realizadas apenas 15 edições.

Outra atividade protagonizada no Espaço Quissa, e com a participação da juventude do assentamento foi a quadrilha junina local, denominada de “Grupo

Arriba Saia”. O grupo se manteve por 10 anos, inclusive com apresentação no Forró Siri, do município de Nossa Senhora do Socorro/SE.

O Espaço Quissa passou a organizar também as “Cavalgadas” junto aos vaqueiros da comunidade e circunvizinhanças, e a apresentação cultural das Serestas durante um período de 10 anos. As cavalgadas ocorrem anualmente nos meses de janeiro, maio e setembro, enquanto que as Serestas ocorriam quinzenalmente, com exceção dos anos 2020-2021, quando os eventos foram paralisados em decorrência da Pandemia pelo Covid-19.

No ano de 2018, as fundadoras do espaço participaram do curso de Turismo Rural ofertado pela seccional sergipana do Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/SE). Motivadas com as novas possibilidades, elaboraram a primeiro roteiro de visitação aos espaços do assentamento (Figura 15), o qual teve como público inicial os participantes do curso de culinária regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de Sergipe (SENAR/SE).

Figura 15 – N. Sra. do Socorro/SE: roteiro turístico organizado com visita o na Mata do Assentamento Moacir Wanderley.



Fonte: Arquivo Espaço Quissa, 2018.

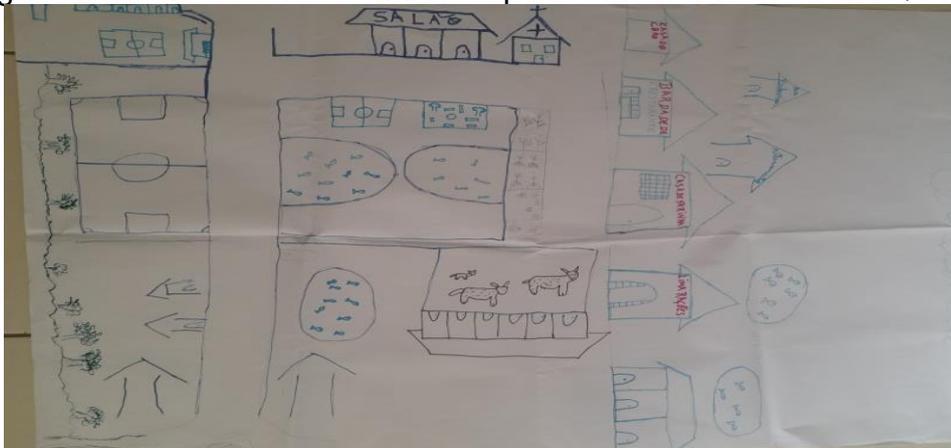
As iniciativas empreendedoras das assentadas podem ser consideradas como precursoras da implanta o de atividades de turismo rural de gestão comunitária no assentamento, tendo em vista o envolvimento e colabora o de outros assentados na visita o. Observou-se que   bastante singular o esforço das assentadas na busca de conhecimentos e parcerias, além da criatividade das fundadoras expressa nas diversas atividades. Assim, o Espaço Quissamã pode ser definido como empreendedorismo feminino, promotor das primeiras iniciativas das atividades turísticas no assentamento.

#### 4.3. O OLHAR DOS ASSENTADOS PARA SUAS POTENCIALIDADES E O TURISMO.

Diante da proposta de desenvolvimento de atividades de turismo comunitário, o protagonismo dos sujeitos locais é determinante para a gestão do projeto e para a identificação e análise dos expoentes turísticos que poderão ser inseridos à proposta. Seguindo esta linha de raciocínio, os resultados da aplicação da ferramenta Mapa da Comunidade colaboraram para identificação das potencialidades da comunidade, através do olhar dos assentados.

Os doze (12) participantes da terceira oficina foram divididos em dois (2) grupos de trabalho com o objetivo de retratar os diferentes elementos do uso e ocupação do espaço e sua possível utilização como atrativo turístico. Os grupos de trabalho foram denominados pelos participantes de GT Resistência e GT Quissa. A Figura 16 mostra a representação gráfica das informações a respeito do mapa da comunidade, elaborada pelo GT Quissa.

Figura 6 – N. Sra. do Socorro/SE: Mapa da Comunidade do GT Quissa.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Ao dialogar a respeito da comunidade, o grupo de trabalho Quissa retratou a agrovila com as moradias e seus quintais produtivos, os estabelecimentos comerciais, os espaços comunitários e a reserva florestal. Já o GT Resistência apresentou os elementos da paisagem local como a ponte conhecida como pontilhão sob o rio Poxim Mirim na entrada principal do assentamento, além de outros locais de possível visitação, a exemplo da fábrica de doces, Centro de capacitação e as casas dos artesãos (Figura 17).

Figura 17 – N. Sra. do Socorro/SE: Apresentação do Grupo Resistência dos atrativos em potencial do assentamento Moacir Wanderley.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

A sistematização das informações geradas pelos grupos de trabalho, possibilitou a construção do Quadro 2, que apresenta as potencialidades de desenvolvimento de atividades de turismo e seus atrativos. Na elaboração do quadro foi considerada a definição de atrativos turísticos do Ministério do Turismo do Brasil, o qual conceitua que “atrativos turísticos são locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los” (BRASIL, 2007, p. 21).

Quadros 2 – Atrativos identificados pela comunidade do Assentamento Moacir Wanderley

Atrativos Identificados no Assentamento	Potencial	Motivação para o Turista
<b>Moradias</b>	Hospedagem e visitação	Vivência do cotidiano do agricultor
<b>Quintais produtivos</b>	Visitação	Produção de alimentos saudáveis – cultivos e criações de base agroecológica
<b>Estabelecimentos comerciais bar/restaurante</b>	Oferta de alimentação no local	Culinária típica regional, com uso de ingredientes produzidos localmente.
<b>Recursos naturais</b>	Trilha ecológica	Vegetação remanescente de mata

		atlântica, animais silvestres e o rio Poxim Mirim e nascente.
<b>Espaços coletivos de produção agropecuária</b>	Visitação	Vivência e experiências de pesca nos tanques de piscicultura, criação de suínos e bovinos, processamento de frutas em doces, manejo das criações de animais
<b>Espaços coletivos de lazer e de cultura (CECAC) e Espaço Quissa</b>	Visitação e hospedagem	Vivência da história de luta dos pela posse da terra, e do cotidiano dos assentados, eventos sociais e educativos; Vivência cultural (festa junina, música ao vivo, cavalgada, Quissa Fest)
<b>Espaço de lazer e recreação (campo de futebol)</b>	Organização de atividades esportivas e campeonatos comunidades	Vivência esportiva de campeonatos entre assentamentos de Reforma Agrária do estado de Sergipe

Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

As moradias dos assentados foram citadas como locais de hospedagem e visitação no assentamento, possibilitando aos visitantes, vivenciar o cotidiano dos agricultores assentados, suas formas de reprodução cultural através das expressões de artesanato, culinária e saberes relativos a produção agropecuária. Nesse contexto, os quintais produtivos poderão ser palco de experiências em produção agroecológica, atraindo um público preocupado com o consumo de alimentos saudáveis.

Nesses quintais são cultivado milho, macaxeira, abobora, amendoim, hortaliças, frutas, além da criação de animais de pequeno porte (galinhas e ovinos). Os quintais, ao serem vistos como tecnologias sociais, se caracterizam como estratégias competitivas, uma vez que a combinação de atividades realizadas nesses espaços (produção de hortaliças, frutíferas, ornamentais, pecuária, bem como o beneficiamento e a comercialização de demais produtos) exercem impactos econômicos sociais e ambientais capazes de melhorar a qualidade de vida dessas famílias (CARMO, 2018).

Entre os espaços coletivos do assentamento, os participantes apontaram o Centro Estadual de Capacitação Canudos, como um espaço de memórias e perspectivas positivas para o turismo. A partir da leitura e impressões dos colaboradores e participantes desta pesquisa, o Centro é um espaço coletivo sobre gestão do movimento social, o MST em Sergipe, e a participação da comunidade, através de sua representatividade de coordenação geral.

Quanto à importância do CECAC para a comunidade, as respostas dos assentados mostraram quanto esse espaço é significativo, pois foi considerado

como uma referência para o estado, espaço que transmite orgulho para a comunidade, e que durante toda sua existência e funcionamento movimentou culturalmente e economicamente a comunidade através de cursos e intercâmbios que também beneficiaram o assentamento.

Alguns relatos a respeito da representatividade do centro, por si só dimensionam a sua importância coletiva e também para cada indivíduo: “[...] uma riqueza pra o assentamento, é minha vida, um orgulho” (Entrevistada n. 05). Outra assentada aponta que, “[...] é importante, tanto para a formação dos jovens, como espaço para eventos culturais” (Entrevistada n. 04). Na medida em que outro explana que o CECAC é “[...] de suma importância, abriu janelas, é uma referência pra o estado, pra o movimento, pra comunidade [...] e pode ser um ponto de referência pra o turismo” (Entrevistado n. 03).

O CECAC também tem importância no processo educacional dos assentados. No local foram realizados cursos nas modalidades de ensino médio, ensino superior e pós-graduação, através da parceria entre o PRONERA, criado pelo INCRA, a UFS e o IFS. Citam-se, nesse contexto, os seguintes cursos: Educação de Jovens e Adultos da 5ª a 8ª série; Magistério/Normal Médio; Licenciatura Plena em Pedagogia; Especialização em Residência Agrária, Engenharia Agrônoma e Tecnologia em Agroecologia (INCRA, 2022).

Além de participarem dos diversos cursos formais e não formais ofertados e organizados no Centro, os assentados relataram que participaram de reuniões e encontros de equipes de trabalho. No CECAC também foram realizados diversos momentos de interação entre as diversas categorias de trabalhadores, de modo que se consolidou também como um espaço de articulação de diversas lutas sociais. Diante do exposto, um dos participantes do presente estudo relatou que,

[...] o centro foi criado com as 37 famílias e o movimento, e o papel dele era capacitação. Capacitar os filhos de assentados, e as famílias daqui também foram capacitados lá dentro. O centro não só representa o assentamento, como também o estado [...] a capacitação profissional, foi um grande passo dentro do setor da educação, no setor da saúde, no setor da agroecologia (Entrevistada n. 01).

De acordo com Polack (1992, p. 5), “a memória é um elemento constituinte de identidade, tanto individual, quanto coletiva”. Assim o CECAC acolhe memórias

de diversas atividades em âmbito local, regional, nacional e internacional. Neste espaço foi realizada a maioria dos Encontros Estaduais do MST, eventos que reúnem representantes de todos os assentamentos e acampamentos do estado, para planejamento, intercâmbios e confraternização. Também foi realizada uma série de atividades, com parcerias de instituições públicas, privadas e organizações não governamentais, inclusive do exterior, a exemplo do Haiti, Cuba e Estados Unidos.

Os grupos destacaram a presença de estabelecimentos comerciais necessários para as atividades de turismo, como o bar do Val e o Espaço Quissa que integra um bar/restaurante com comida caseira, a casa e quintal produtivo da assentada Dede, e um espaço para fabricação e exposição de artesanatos (crochê, bordados, fabricação de redes de pesca, fabricação de óleos aromáticos, dentre outros).

Ganhou destaque para a visita, a casa de Dona Mariazinha, assentada que detém conhecimentos sobre plantas com propriedades medicinais e que fabrica xaropes, pomadas, e outros produtos a base de matérias-primas cultivadas no assentamento. Da mesma forma, foi citada a casa do Sr. Celso para hospedagem e lugar de resgate da história oral do assentamento através das rodas de conversas promovidas pelo agricultor.

O debate sobre as potencialidades e atrativos turísticos no assentamento fortaleceu a sinergia entre TBC e agricultura familiar. Em diversos momentos foi mencionado que o desenvolvimento de atividades turísticas poderia fortalecer a agricultura familiar-camponesa, dando origem a uma nova via de comercialização dos produtos agropecuários e não agrícolas, diretamente para os visitantes. Ao tempo que também foram observados os desafios de ordem socioeconômica, ambiental e organizativa para concretização do propósito.

Ao apresentar os modos tradicionais e artesanais da agricultura familiar como produto turístico, o turismo rural amplia suas possibilidades, consolidando o modo de vida rural como um atrativo aos moradores das metrópoles. O estilo de vida, os costumes e o modo de produção das famílias rurais, ou seja, a cultura do campo passa a despertar o interesse não só dos grandes centros urbanos, mas também dos municípios vizinhos (BLANCO, 2004, p. 45).

Há de se destacar também, que na perspectiva do turismo de base comunitária, o modo de vida, a identidade, a organização social, as memórias, a

produção e o meio ambiente, constituem-se por si só como o principal atrativo turístico para futuras visitas.

Tavares (2002, p. 15) destacou que, em via de regra, o turismo não deve ser desenvolvido “[...] por visitas realizadas a atrativos isoladamente, mas sim pela visita de atrativos ou locais inseridos em um contexto maior, quer seja com referência a aspecto de sua história, de sua cultura, de suas geografias, ou relativos a seu meio ambiente”.

Assim, a organização comunitária no assentamento pode favorecer o desenvolvimento do turismo em segmentos como turismo de experiência, turismo pedagógico, ecoturismo, desde que esses sejam desenvolvidos mediante constante diálogo com a gestão comunitária.

#### 4.4 TURISMO E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: CONSTRUINDO NOVOS SABERES.

Diante do entusiasmo da comunidade a respeito de construir e/ou retomar as atividades de turismo foi realizado um encontro visando à promoção da discussão sobre turismo e TBC, ou seja, uma oficina de repasse de conhecimentos (conceitos básicos e definições) sobre a temática, estimulando a criticidade e o desenvolvimento das atividades turísticas no assentamento (Figura 18). A oficina constou da exposição oral com auxílio de retroprojetor (Datashow) e contou com a participação de 12 agricultores(as).

Na ocasião foram trabalhados os seguintes temas: o contexto mundial do turismo e suas facetas, com destaque para os efeitos da globalização; o “turismo de massa versus o turismo de base comunitária”. Ainda foi apresentada as definições dos segmentos turísticos (Cultural; Aventura; Ecoturismo; Rural; Negócios e eventos; Estudos e Intercambio; Sol e de Praia; Gastronômico; Religioso; Sustentável).

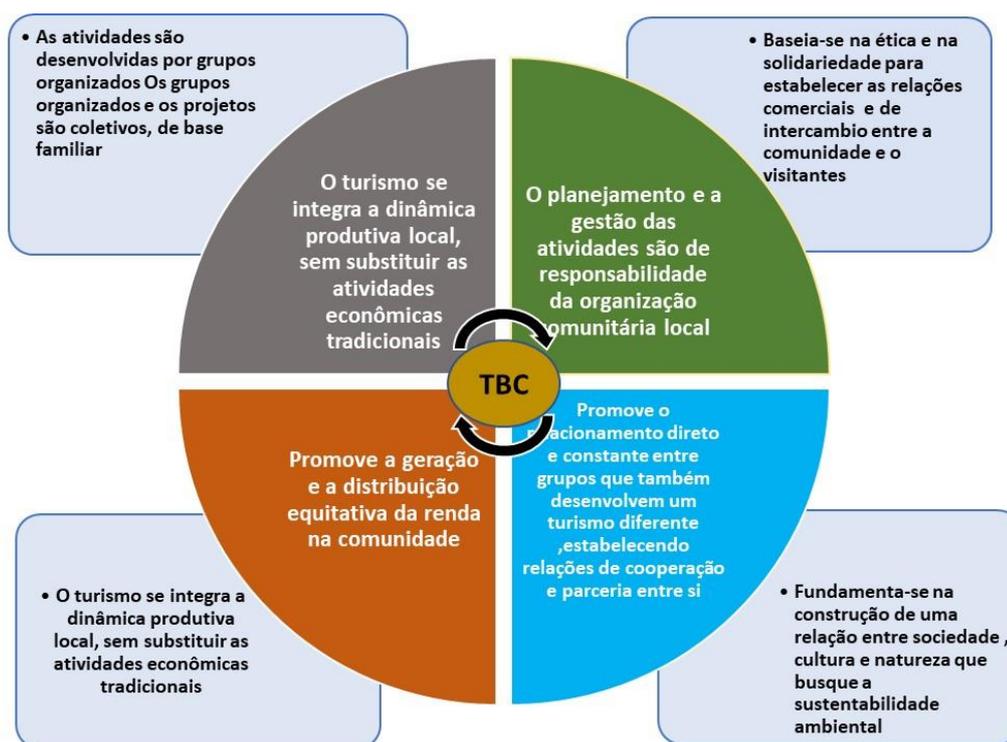
Figura 18 – N. Sra. do Socorro/SE: Oficina sobre Turismo e TBC.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

A discussão sobre novas ruralidades e a multifuncionalidade da Agricultura familiar e camponesa aprofundou o debate sobre turismo no meio rural, alicerçado na definição e nos princípios de TBC propostos pela Tucum (2013), a qual define o TBC, como estratégia de garantia de território e uma oportunidade para as populações tradicionais possuírem o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento, sendo os atores sociais diretamente responsáveis pelo planejamento e gestão das atividades, estruturas e serviços turísticos propostos. Assim como também foram contemplados seus princípios, estabelecidos como elementos para orientar o planejamento de TBC (Figura 19).

Figura 19 – Princípios do TBC



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

As questões referentes ao Turismo de Base Comunitária evidenciaram que os participantes já tinham algumas informações a respeito do tema. A maioria já tinha ouvido falar sobre turismo, através de cursos ofertados pelo SEBRAE/SE, meios de comunicação (rádio, televisão), e mais recentemente, através da presente pesquisa.

Todos acreditavam que o TBC poderia trazer benefícios para comunidade através da geração de renda proveniente do artesanato, da produção de alimentos saudáveis, da valorização do trabalho das mulheres. O contato com outras pessoas possibilitaria a divulgação dos produtos e da vivência dentro da comunidade, além da troca de conhecimentos.

Os possíveis benefícios do TBC para comunidade são expressos nas falas de muitos assentados: “[...] é uma forma de agregar valores com a juventude, traz informação né?! valoriza nossa comunidade, é uma forma da gente divulgar a nossa produto...” (Entrevistada n. 01). Uma das assentadas frisa que o turismo de base comunitária “ajuda na valorização do trabalho das mulheres, na geração de renda para os jovens dentro da própria comunidade” (Entrevistada n. 2).

Os atores sociais colaboradores da pesquisa afirmaram a disponibilidade para participar das atividades turísticas. Os participantes da pesquisa expressou com entusiasmo como gostariam de participar, desempenhando funções de administração, de guiamento (acompanhando os visitantes nas áreas de produção

agrícola e na trilha), fito terapeuta, de recepção no restaurante do Espaço Quissa, de acolhimento na hospedagem em suas casas.

É possível observar o exposto nos relatos a seguir: “[...] gostaria de participar, meu forte é a farmácia viva” (Entrevistada n. 05). Outro assentado salientou que “[...] sim, tenho disponibilidade de receber em casa os visitantes, no artesanato, na organização dos espaços [...]” (Entrevistada n. 04). Ao passo que outro participante da pesquisa pontuou as atividades que podem ser realizadas no Assentamento: “[...] dá para correr no campo, fazer trilha, ir às plantações” (Entrevistado n. 03).

Foram reforçadas as indicações dos atrativos turísticos do assentamento como: o CECAC, o rio, a mini cachoeira, a mata, a trilha, os quintais produtivos, a quadrilha junina, o campo de futebol, a piscicultura, a agricultura orgânica, a criação de gado leiteiro, e a história da comunidade. Observou-se em todas as falas que, o CECAC foi citado como espaço de acolhimento e de hospedagem e que propiciaria mais privacidade aos visitantes quanto ao quesito hospedagem.

Por outro lado, os possíveis entraves para o sucesso da proposta também foram debatidos. De acordo com os assentados, para a implantação das atividades de TBC, em consonância com a observação da pesquisadora, as principais limitações estão apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Limitações e suas implicações para o turismo.

Limitação	Ocorrência	Implicação para o turismo
<b>Acesso à comunidade</b>	Ausência de vias asfaltadas de acesso direto ao assentamento	Dificulta o acesso de visitantes especialmente no período de chuvas (maio-setembro) <sup>1</sup>
<b>Hospedagem</b>	Ausência de reformas nas moradias da agrovila	Restringe o número de hóspedes e a capacidade de atender demanda de visitação com hospedagem
<b>Transporte</b>	Ausência de transporte próprio destinado ao turismo	Restringe o traslado de visitantes e a realização de outras atividades relativas ao turismo a exemplo de compras, intercâmbios, etc.
<b>Condições físicas dos espaços coletivos</b>	Ausência de reformas e revitalização dos espaços coletivos	Restringe o número de atrativos ofertados e de acomodações
<b>Segurança pública</b>	Ausência de policiamento contínuo na região	Aumenta a vulnerabilidade dos visitantes e assentados
<b>Dificuldade de articulação da</b>	Dificuldade na organização coletiva dos espaços e	Restringe o processo de governança da comunidade para o

<sup>1</sup> Nesse período a comunidade realiza a colheita do milho e festejos juninos, potencial para ser inserido nos atrativos turísticos da comunidade.

<b>comunidade</b>	empreendimentos coletivos	turismo e reestruturação da associação
<b>Comunicação</b>	Ausência de material de divulgação e de contatos em rede com agentes ligados ao turismo	Dificulta as visitas de grupos que desconhecem as possibilidades de turismo no assentamento
<b>Mão de obra</b>	Número reduzido de pessoas com formação para o desenvolvimento do turismo	Dificulta a gestão do turismo e o atendimento ao visitante

Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Diante do exposto, construir um processo de gestão compartilhada, transparente e participativa tem bastante relevância para a organização e desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, através do protagonismo da comunidade que, no dia a dia são decididas as questões importantes, cooperação para a resolução das dificuldades que os afetam, assim como a construção de parcerias com organizações, poder público, dentre outros atores sociais que colaborem para fortalecer a organização coletiva na comunidade.

Entendendo o TBC como uma forma de organizar as atividades turísticas em um determinado território na qual seus princípios balizam as práticas de acordo com cada realidade comunitária, Conti e Antunes (2020, p. 3), reforça que o TBC apresenta uma forma “[...] de organização do turismo que propõe o protagonismo da população local na gestão dessa atividade econômica, por meio de mecanismos de autogestão, de manutenção da propriedade do território e da democratização de oportunidades e benefícios)”.

Diante da relevância da comunicação, com a divulgação dos destinos de TBC, alguns países têm elaborado plataformas onde o visitante pode encontrar experiências/vivências, além dos comitês, fóruns, grupos nas redes sociais e agências de viagens especializadas neste tipo de turismo. Este pode ser um dos caminhos a ser seguido pela comunidade, a partir da criação de TBC em rede com outros assentamentos do Estado de Sergipe.

#### 4.5 ENCONTRO ENTRE A TEORIA E A PRÁXIS: CONSTRUÇÃO DA VIVÊNCIA SABERES E SABORES, CAMINHOS PARA O TBC NO ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY.

Durante o transcorrer da pesquisa com a flexibilização do isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19, a comunidade recebeu uma solicitação de

visitação. Tratava-se de uma visitação com finalidade didática a ser realizada por estudantes e professores/pesquisadores do Campus de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, do curso de Licenciatura em Geografia, disciplina Geografia Agrária.

Atentos à oportunidade, os assentados envolvidos na pesquisa, avaliaram a possibilidade de receber o grupo como um exercício prático da proposta de desenvolvimento do TBC e vivência de seus princípios. Desta forma, foram realizadas reuniões envolvendo os professores coordenadores, os assentados e a pesquisadora para o planejamento coletivo da demanda. Contou-se também com a participação de representante da Secretaria de Turismo do Município de Nossa Senhora do Socorro/SE.

Conforme Petrocchi (1998), planejamento é a definição de um futuro desejado e de todas as providencias necessárias a sua materialização. As reuniões transcorreram dentro deste raciocínio, quando ocorreu a divisão de tarefas, necessárias para a visitação, entre os componentes do grupo, de acordo com as habilidades identificadas durante a aplicação da ferramenta participativa “O que esta mão é capaz de fazer?”, e que julgaram estarem aptos para realizar junto aos visitantes.

Estiveram envolvidos, direta e indiretamente, no planejamento da visitação, 23 assentados, os quais se propuseram a desempenhar as seguintes funções: (i) recepção (03 pessoas); (ii) alimentação (02 pessoas); (iii) gestão financeira (02 pessoas); (iv) hospedagem (05 pessoas); (v) monitores/guiamento - responsáveis pelo cumprimento da proposta do roteiro, registros fotográficos, animação (04 pessoas); (vi) apresentação dos quintais produtivos (06 pessoas). A Figura 20 mostra uma das reuniões de planejamento da visitação realizada no Espaço Quissa, Assentamento Moacir Wanderley.

Figura 20 – N. Sra. do Socorro/SE: Planejamento da visitação no Espaço Quissa, Assentamento Moacir Wanderley (A) Reunião; (B) Delimitação das funções.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Quanto aos custos da visita, foi previsto o pagamento de hospedagem, alimentação e dos monitores, visando valorizar os componentes da comunidade. A tabela de custos (Quadro 4) foi elaborada tendo como referencial o valor de uma diária de trabalho dos agricultores em campo (diária de limpeza, de plantio, de colheita ou cuidado com animais).

Quadro 4 – Custos para a visitação por pessoa

Custos		Valor (\$)
Alimentação	Café da manhã	10,00
	Almoço	20,00
	Jantar	10,00
Hospedagem	Diária	20,00
Monitores	Guiamento	20,00

Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Foi estabelecido que os alimentos fossem adquiridos na comunidade, na perspectiva de desenvolver uma economia solidaria no local. Conti e Antunes (2020, p. 30), afirmaram que “a economia solidaria (Ecosol) é um modo de organização das atividades econômicas na qual predominou as soluções coletivas para a produção, comercialização, financiamento e consumo de serviços”.

O planejamento da atividade culminou com a elaboração de um roteiro piloto da visitação de 03 dias (Quadro 5), denominado de “Vivência, Saberes e Sabores: Caminhos para o TBC no Assentamento Moacir Wanderley (Nossa Senhora do Socorro/SE)”, visando atender a demanda dos coordenadores da visita e as expectativas do público alvo, ou seja, 17 estudantes da Universidade Federal de

Sergipe, Campus de Itabaiana. Os atrativos foram determinados considerando as indicações da comunidade durante a aplicação das ferramentas participativas.

Quadro 5 – Programação da visita “Vivência, Saberes e Sabores” no Assentamento em Quissamã (Nossa Senhora do Socorro/SE).

	Horário	Atividade
Primeiro dia	9 – 10h	Recepção – Credenciamento dos visitantes
	11h	Recepção - Orientações gerais e acomodações
	12:30 h	Almoço
	14 – 17h	Roda de Conversa: Memórias e Histórias do Assentamento e a Luta pela Terra no estado de Sergipe
	19 h	Jantar
Segundo dia	7 – 8h	Café da manhã
	8:30 – 12h	Visita aos lotes e quintais produtivos
	12:30 h	Almoço
	14 – 17h	Visita aos espaços coletivos do assentamento
	19 h – 23hrs	Jantar e momento cultural
Terceiro dia	7 – 8 h	Café da manhã
	8:30 –12:30h	Trilha ecológica
	12:30 h	Almoço
	14 – 16h	Avaliação da Experiência – socialização Plantio de mudas de árvores no assentamento Encerramento da visita

Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

#### 4.5.1 “Vivência, Saberes e Sabores” no Assentamento Moacir Wanderlei.

O primeiro dia da visita teve início com a organização dos últimos trabalhos na comunidade para a recepção dos estudantes provenientes do meio rural (filhos de agricultores) e do meio urbano. Ao chegarem ao assentamento, os visitantes foram recepcionados, de forma coletiva, pelo grupo no Espaço Quissa, onde receberam as boas vindas, foram informados da programação, dos acordos de convivência e as orientações gerais (horários, segurança e cuidados nas atividades de campo).

Os estudantes foram divididos em grupos 3 a 4 pessoas, nas cinco (5) casas para hospedagem, providas de banheiros, quartos, salas e cozinhas disponíveis para visitantes (Figura 21). Após serem recebidos pelas famílias e localizados geograficamente na agrovila, todos se deslocaram para o espaço onde seriam oferecidas as refeições durante a estadia.

Figura 21 – N. Sra. do Socorro/SE: Chegada dos estudantes nas habitações comunitária (hospedagem).



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Durante a Roda de Conversa (Figura 22), momento de troca de saberes e memórias, os visitantes puderam conhecer a história do assentamento, através da contribuição de um dos assentados que participou da luta de conquista do assentamento, considerado um dos guardiões da memória histórica do território. Foi um momento de muita interação, quando os visitantes puderam sanar dúvidas e realizar uma leitura da realidade vivenciada em um assentamento de reforma agrária, após o processo de luta, resistência e desenvolvimento sócio-econômico-cultural.

Figura 22 – N. Sra. do Socorro/SE: Roda de conversa no Espaço Quissa.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Seguindo o roteiro proposto para a visita, o segundo dia foi marcado pela experiência de conhecer os quintais produtivos, as criações de galináceas, suínos e bovinos, plantações de culturas como mandioca, abóbora, amendoim, hortaliças, e algumas frutas como maracajá, além da casa de farinha e dos espaços sociais (posto de saúde, escola, Centro de Capacitação Canudos, igrejas e campo de futebol).

De acordo com Nobre et al. (2021, p. 2), “os quintais produtivos também atuam como agentes importantes para o desenvolvimento e manutenção da sustentabilidade local”. Os visitantes puderam vivenciar a experiência de pesca em um tanque de piscicultura de criação de tilápia e carpa destinada à comercialização interna e externa e consumo do criador (Figura 22). Os peixes, com cerca de 6Kg, foram comprados pelo Espaço Quissa e consumidos nas refeições oferecidas aos visitantes.

Figura 23 – N. Sra. do Socorro/SE: Quintais produtivos agrovila do Assentamento Moacir Wanderley (A) Produção de hortaliças (B) Criação de peixes.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

No período da noite, foi realizado um momento de confraternização e interação com a comunidade. Foi proporcionado aos mesmos um momento de troca cultural com o improviso de uma quadrilha junina, puxada por membros da equipe de quadrilha da comunidade e com a participação dos visitantes (Figura 24).

No espaço foi armada uma fogueira com milho assado, música ao vivo e dança. Na ocasião, a secretarias de Turismo e Agricultura do município de Nossa Senhora do Socorro disponibilizou uma atração musical, artista do município, e mudas de árvores para doação e plantio no encerramento da visitação.

Figura 24 – N. Sra. do Socorro/SE: Troca cultural entre visitantes e comunidade local.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

No terceiro dia, estudantes\visitantes conheceram parte da biodiversidade do assentamento, através de uma caminhada pela Trilha do rio Poxim Mirim rumo a

uma nascente que segue ao lado inverso do rio (Figura 25). Esta ocorrência da natureza deu o nome de origem angolano ao local: Quissamã que significa “entre o rio e o mar”.

Observou-se que os recursos ambientais são bastantes presentes no assentamento, já que o rio Poxim Mirim e a nascente, encontram-se protegidos por matas ciliares e livres de resíduos sólidos. Os sons produzidos pelas águas e pássaros proporcionaram momentos de contemplação em sinergia com a natureza.

Figura 25 – N. Sra. do Socorro/SE: Caminhada pela trilha do rio Poxim Mirim (A) Matas Ciliares; (B) Nascente do rio.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Na finalização da programação ocorreu um momento de avaliação da visita, com franquia da palavra entre os estudantes\visitantes e a comunidade\equipe local de monitores que recebeu o grupo. Carregado de muita emoção, comunidade e visitantes expressaram respeito, carinho, memórias afetivas, mudanças de olhares e sentimento de saudades. Esses depoimentos corroboram com as reflexões de Maldonado (2009, p. 31):

A característica distinta do turismo comunitário é a sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida.

Foi elaborada uma ficha de avaliação, com questões simples, como subsidio de posterior reflexão do grupo de assentados interessados nas atividades de turismo no assentamento. Compôs o questionário, os elementos sobre o serviço de

alimentação, hospedagem e programação. A Nuvem de Palavras ilustra as percepções dos visitantes (Figura 26).

Figura 26 – Nuvem de palavras com expressões dos visitantes.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

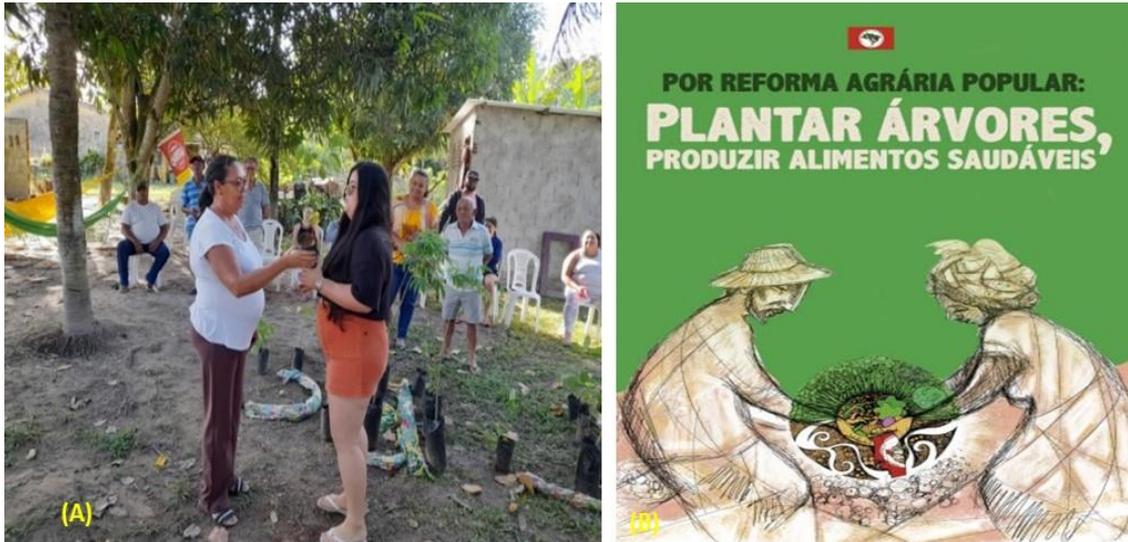
Na conclusão da visita, ocorreu à fala de uma liderança feminina e fundadora do assentamento, que resgatou elementos interessantes, como a questão da função social da terra, as responsabilidades de cada assentado, os desafios de organizar uma comunidade, a produção e comercialização de produtos agroecológicos.

Ainda, comentou da necessidade de avançar na construção de novas experiências que fortaleçam a comunidade e a sua relação com a sociedade, e destacou o turismo como ferramenta possível de melhorar essas relações, ainda que conflituosa, mas com possibilidade de ressignificar os assentamentos da reforma agrária.

Na sequência, a mesma ofertou aos visitantes uma muda de árvore como um compromisso social, em especial no tocante à preservação da natureza e da vida no planeta. Esse gesto está ligado às orientações do MST para os assentamentos e acampamentos, e faz parte de uma campanha nacional de reflorestamento de áreas

degradadas e proteção da vida humana e da agro biodiversidade (Figura 27). Assim, foram plantadas no assentamento, mudas de arvores, sendo no espaço Quissa, plantada uma muda de Ipê Rosa, como símbolo dessa primeira visita.

Figura 27 – N. Sra. do Socorro/SE: Iniciativas de proteção à natureza (A) Distribuição de mudas para visitantes do Assentamento Moacir Wanderley; (B) Campanha Nacional do MST para promoção do reflorestamento.



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

#### 4.5.2 Avaliação interna da visita: olhares da comunidade para o futuro.

Após a realização da experiência de TBC no assentamento, foi efetuada uma reunião de avaliação coletiva dos seguintes pontos de pauta (Figura 28): 1) os princípios de turismo de base comunitária e a visita realizada; 2) prestação de contas; 3) participação do grupo na organização da experiência; e 4) planejamento das próximas atividades necessárias para a efetivação do TBC.

Figura 28 – N. Sra. do Socorro/SE: Avaliação sobre a visita.



O grupo avaliou ainda suas competências individuais e formas de contribuições para as próximas visitas. Também foram colocados os desafios para consolidação da equipe e organização das atividades turísticas no assentamento, apontando, por exemplo, a necessidade de se organizarem a partir das habilidades e responsabilidades de forma coletiva, a importância da elaboração de uma identidade visual para a identificação do grupo, a busca por mais conhecimento sobre o turismo no espaço rural e as ferramentas de mídias e divulgação dos potenciais turísticos.

Elencou-se também, a postura ética e respeitosa que o grupo teve entre si e com os visitantes. Em relação à alimentação, essa foi oferecida e preparada no Espaço Quissa, por decisão coletiva do grupo, em virtude desse ambiente possuir os equipamentos e equipe necessários para tal intento, contribuindo, assim, para aperfeiçoar o tempo estabelecido para as refeições visando contribuir para o aproveitamento do roteiro. A gestão do espaço e produção das comidas foi feita integralmente pelas assentadas.

Essas adquiriram aproximadamente 80% dos alimentos produzidos pela própria comunidade (ovo, macaxeira, batata, milho, legumes e vegetais da época, além de hortaliças, leite e carnes de porco, peixe, frango). Na avaliação, foi apontada como importante a valorização e aquisição dos produtos locais, e sugerido para as próximas visitas, o acréscimo de sobremesas e sucos naturais na proposta de cardápio.

Na proposta de roteiro, foi apontada a necessidade de reavaliar a quantidade de visitantes nos atrativos, a exemplo dos quintais produtivos, espaços de criação de animais, além da importância de realizar apenas o que foi previsto, e evitar imprevisto. No que se refere ao momento de confraternização e encerramento da visita, essa atividade foi avaliada como positiva, dentre outros fatores, por contar com a participação de parte da comunidade local, assim como das Secretarias Municipais de Turismo e Agricultura, tal qual da presença de autoridade religiosa local da igreja católica.

A construção das parcerias entre o Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Estado de Sergipe, através da pesquisadora do PPMTUR, a Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaina e o Assentamento foram destacadas como aspectos importantes para o planejamento e realização da atividade, assim como o apoio da Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Socorro, através da Secretaria de Agricultura e da Guarda Municipal que atenderam

às solicitações da comunidade, através de poda de arvores e verificação de enxames de insetos nas áreas comuns e ações para garantia da segurança pública. Também, foi feito um primeiro contato com a Secretaria de Turismo do município, que colaborou com a disponibilidade de equipamento de sonorização e atração musical de uma artista local.

Foi feito ainda, um esforço de síntese sobre os impactos provocados na comunidade, no qual foi expressa a movimentação positiva de pessoas na comunidade, a animação do grupo, a movimentação da economia local, a credibilidade da proposta de construir atividades turísticas no assentamento, a ponto de “quem não acreditava, mudou a cabeça” (Entrevistada n. 02) e organização da produção para venda direta, enfatizando-se a necessidade de maior articulação junto à Secretaria Municipal de Turismo e Senar/SE para a realização de cursos de capacitação em turismo rural com o grupo participante da pesquisa.

Em conclusão a este espaço de reflexão, foi dialogado ainda a respeito do aprendizado, onde o grupo apontou a questão da confiança adquirida com a experiência; a importância de ter critério para a colaboração nas atividades, a exemplo da participação nas reuniões; a responsabilidade com o processo como um todo; e, a importância dos assentados integrarem um grupo proativo, em constante movimento. Destacaram também, elementos que julgam ser importante melhorar: (a) pensar regras para as hospedagens; (b) organizar protocolos; (c) preparar todos os envolvidos no roteiro antecipadamente; (d) organizar melhor o grupo.

## 5 PRODUTO TECNOLÓGICO

Produto tecnológico é um “ objeto tangível” com elevado grau de novidade fruto da aplicação de novos conhecimentos científicos, técnicas e expertises desenvolvidas no âmbito da pesquisa na PG, usados diretamente na solução de problemas de empresas produtoras de bens ou na prestação de serviços á população visando o bem-estar social (BRASIL, 2019,p.22), conforme expressa a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Em consonância com a demanda e reflexões realizadas com a comunidade, a divulgação digital e física das potencialidades do assentamento Quissamã é uma ação favorável à valorização do TBC. De acordo com Schärer (2008), um dos maiores desafios do TBC é o marketing que se distingue significativamente da promoção realizada por destinos turísticos convencionais.

Na busca de auxiliar neste processo, foram elaborados materiais de comunicação visando divulgar e promover o TBC junto às mídias (redes sociais) e outros espaços de discussão sobre turismo rural e TBC. Coutinho, Thomas e Sampaio (2015, p. 7) destacam que “[...] as experiências de turismo de base comunitária podem se utilizar dessas ferramentas virtuais para estabelecimento de redes, ampliação do nível de comunicação entre visitantes e visitados, e na distribuição e promoção dos serviços oferecidos.”

### 5.1 PRODUTOS TECNOLÓGICOS ELABORADOS

**(i) Logomarca do TBC no Assentamento Moacir Wanderley**

Criada no intuito de personalizar a experiência e valorizar a comunidade, a partir da integração dos elementos materiais e imateriais indicados pela comunidade.



**(ii) Cartaz (Card) “Atrativos Belezas, Saberes e Sabores da Terra” Assentamento Moacir Wanderley.**

Consiste em um panfleto que pode ser veiculado de forma digital e física com as informações básicas sobre o assentamento.



**Belezas, Saberes e Sabores da Terra**

**Assentamento Moacir Wanderley - Quissamã**

**Informações Gerais**

**Localização:** Favelado Quissamã, pertencente ao município de Nossa Senhora do Socorro-Sergipe/Brasil.

**Acesso:** Rodovia BR 101, Km 96, a 17km de Aracaju (cidade sergipana).

**Serviços Turísticos:** visitas; comida e café.

**Contatos para agendamento de visitas:**  
79-99934-5696- Kelly  
79-99951-4087- Marta  
79-99982-6884- Jessiane  
79-99989-6803- Dede

**O Assentamento Moacir Wanderley**

No Projeto de Assentamento da Reforma Agrária Moacir Wanderley, também conhecido como Assentamento Quissamã, residem 37 famílias de agricultores, que utilizam a terra para produção de alimentos de origem vegetal e animal em seus quintais e lotes produtivos. As paisagens naturais, os eventos culturais que ocorrem no assentamento proporcionam momentos de lazer para a comunidade e para aqueles que visitam o assentamento.

**Atrativos**

**Quintais produtivos** - momento de conhecer a produção de alimentos de base agroecológica.

**Roda de Conversas** - momento de conhecer a história do assentamento, através das memórias dos moradores e guardiões da cultura e tradição da comunidade.

**Trilha ecológica** - momento de conexão com a natureza, através da apreciação da biodiversidade da reserva florestal e do rio que corta o assentamento.

**Cultura** - momento de apreciar a culinária da terra, os artesanatos fabricados pelos assentados e as manifestações culturais mantidas pela comunidade.

**Experiências/Vivências do Destino**

**Trilha ecológica**

**Culinária da Terra**

**Quintais e Lotes Produtivos**

**Cultura Sergipana**

**(iii) Vídeo “ Belezas, Saberes e Sabores da Terra, Assentamento Moacir Wanderley”**

O material foi protagonizado pelos assentados do Moacir Wanderley, no qual é possível visualizar o assentamento nas suas diferentes dimensões. O acesso se dá através do link:

<https://youtu.be/7GeDsEARBbU>

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Assentamento Moacir Wanderley é um território de luta, resistência e conquistas valorizadas pelos assentados. A identificação pelos sujeitos locais dos aspectos históricos e culturais, das paisagens e da organização social revela a autoestima da comunidade, necessária para o protagonismo das atividades de turismo comunitário. Isso foi observado através das falas e na disponibilidade de receber o grupo de visitantes durante o decorrer da pesquisa. A disposição e motivação do grupo envolvido na proposta de TBC demonstram a viabilidade da proposta, quanto ao envolvimento dos sujeitos e os potenciais produtivos, organizativo, histórico, cultural e da biodiversidade existentes no assentamento. Assim, as inquietações iniciais referentes à organização do TBC na comunidade tiveram como resposta o protagonismo desses sujeitos em dá visibilidade aos frutos da luta pela terra.

Os potenciais identificados, históricos, culturais, produtivos e de lazer, contribuem para o desenvolvimento de atividades turísticas, tendo a metodologia do TBC como forma para fortalecer a experiência local e proporcionar novas oportunidades de forma coletiva aos sujeitos envolvidos.

A proximidade do assentamento a capital sergipana passa a ser uma vantagem no que se refere às visitas em áreas rurais, apesar da dificuldade de acesso ao assentamento, devido a inexistência de pavimentação da principal via. No entanto, a ocorrência de transporte público diariamente, pode minimizar os problemas de deslocamento. Ainda, em termos de infraestrutura, a comunidade conta com serviços públicos, a exemplo de posto de saúde, água encanada e recolhimento de resíduos sólidos, iluminação, fatores que favorecem o desenvolvimento do TBC na localidade.

A revitalização dos espaços coletivos, a exemplo do Centro de Capacitação Canudos, é muito importante para as atividades de TBC, este é um espaço de referência para a memória, para as diversas capacitações, intercâmbios, encontros e seminários entre os diversos trabalhadores\as do Estado de Sergipe.

Os materiais de comunicação elaborados com vistas a contribuir para a divulgação e visibilidade das “Belezas, Saberes e Sabores da Terra” no Assentamento Moacyr Wanderley, são ferramentas de promoção que poderão servir de subsídios para outras experiências de TBC em assentamentos de reforma agrária

em Sergipe, contribuindo para formação de uma rede de turismo, interligando vivências em diferentes realidades da agricultura familiar em Sergipe.

O Turismo de Base Comunitária em assentamentos da reforma agrária pode auxiliar na visibilidade e valorização das conquistas dessas famílias, de modo a fortalecer a Reforma Agraria Popular. A Reforma Agraria Popular “almeja a alteração da estrutura de organização da produção e da relação do homem com a natureza” (STÉDILE, 2012, p.144).

A efetivação da proposta de turismo nos assentamento de Reforma Agraria, na perspectiva do TBC perpassa pela implantação de políticas públicas que salvaguardem a agricultura familiar e\ou camponesa, no que se refere ao acesso a tecnologias sociais sustentáveis, a infraestrutura básica, a educação, ao crédito financeiro, ao fortalecimento a cultura, do meio ambiente, do lazer, etc. São iniciativas necessárias para a promoção do desenvolvimento local pautado no respeito à agra biodiversidade, a história e a identidade de sujeitos sociais protagonistas de suas historias.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, B. T.; ARAUJO, M. P. O cenário das políticas de educação do campo no Brasil pós-2016. **Holos**, [S.l.], v. 5, n. 12, p. 1-20. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. **Turismo de base comunitária**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- BENI, M. C. Como certificar o turismo sustentável? **Revista Turismo em Análise**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 5-16. 2003.
- BLANCO, E. S. O turismo em áreas da agricultura familiar: as novas ruralidades e a sustentabilidades do desenvolvimento local. **Caderno Virtual de Turismo**, [S.l.], v. 4, n. 3, p. 44-59, 2004.
- BRAGUINI, C. R.; SANTOS, T. C.; VIEIRA, L. V. L. Reflexões sobre o Turismo de Base Comunitária – TBC. In: BRAGUINI, C. R. et al. (orgs.). **Turismo de Base Comunitária: reflexões e práticas na Ilha Mem de Sá-Sergipe**. Aracaju: EDIFS, 2020.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo rural: orientações básicas**. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2000.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 7 – Roteirização Turística**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Chamada Pública MTur n. 001/2008 – Apoio às iniciativas de turismo de base comunitária**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **ONU declara 2017 o ano internacional do turismo sustentável**. Brasília: Ministério do Turismo, 2017. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/onu-declara-2017-o-ano-internacional-do-turismo-sustentavel>>. Acesso em: 03 nov. 2021.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Turismo. **Sustentabilidade e turismo responsável**. Brasília: Ministério do Turismo, 2018. Disponível em: <<http://antigo.turismo.gov.br/assuntos/11887-turismo-respons%C3%A1vel.html>>. Acesso em: 03 nov. 2021.
- \_\_\_\_\_. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Relatório de Grupos de Trabalho**. Brasília: CAPES, 2019. Disponível em: <https://>

www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo-10062019-producao-tecnica-pdf. Acesso em: 30 de jan. 2023.

CAMARGO, R. A. L.; OLIVEIRA, J. T.A. Agricultura familiar, multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: interfaces de uma realidade complexa. **Ciência Rural**, [S.l], v. 42, n. 9, p. 1707-1714. 2012.

CANDIOTTO, L. Z. P. Considerações sobre o conceito de turismo sustentável. **Revista de Formação**, [S.l], v. 1, n. 16, p. 12-24. 2009.

CASTRILLON, M. I. D. et al. Turismo Rural, Empreendimentos e Gênero: um estudo de caso na comunidade autônoma da Galiza. **RESR**, Piracicaba, v. 50, n. 2, p. 371-382, abr./jun. 2012.

CARMO, M. S. **O potencial dos quintais produtivos numa comunidade quilombola no território do recôncavo da Bahia**. 2018. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Agroecologia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2018.

CASTRO, C.; GUIMARÃES, V. L.; MAGALHÃES, A. M. **História do turismo no Brasil**. São Paulo: Editora FGV, 2013.

CONTI, B. R.; ANTUNES, D. C. Turismo e Economia Solidária: uma aproximação relutante. **Rosa dos Ventos**, [S.l], v. 12, n. 1, p. 1-15, jan./mar. 2020.

DENZIN, N. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. Routledge: London; 2009.

ECOAR; USP; YORK. **Manual de metodologias participativas para o desenvolvimento comunitário**. São Paulo: Instituto Ecoar para a Cidadania; Universidade de São Paulo; York University, 2007. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/ems/PDF%20DOS%20PROGRAMAS/MANUAL\\_DE\\_METODOLOGIAS\\_PARTICIPATIVAS.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/ems/PDF%20DOS%20PROGRAMAS/MANUAL_DE_METODOLOGIAS_PARTICIPATIVAS.pdf). Acesso em: 15 nov. 2021.

FERNANDES, B. M. A reforma agrária que o governo Lula fez e a que pode ser feita. **SADER**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 5, p. 10-16. 2013.

\_\_\_\_\_.; MARQUES, M. I. M; SUZUKI, J. C. Geografia agrária: teoria e poder. **Expressão popular**, [S.l], v. 5, n. 8, p. 15-30. 2007.

FILBO, A. E. D. Despejo. In: CALDART, R. et al. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. p. 210-214.

GERRY, C. Zonas rurais na fronteira da reestruturação territorial: terceira Itália ou quarto Portugal? In: ENCONTRO NACIONAL DA APDR, 4., Coimbra. **Anais...** Coimbra, p. 89-106, 1988.

GIANNINI, N. **Turismo rural comunitário em assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. 2017. 91 f. Projeto (Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

GOMES, F. Turismo rural e novas ruralidades: um estudo de caso. In: SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UFSCAR, 3., São Paulo. **Anais...** São Paulo, p. 19-27, 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/sao-cristovao/pesquisa/23/27652?detalhes=true>. Acesso em: 12 ago. 2022.

IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, p. 108-119, 2009.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, p. 25-44, 2009.

MALUF, R. S. O enfoque da multifuncionalidade da agricultura: aspectos analíticos e questões de pesquisa - inovação nas tradições da agricultura familiar. **CNPq/Paralelo**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 301-328, 2002.

MEDEIROS, L. S.; LEITE, S. **Assentamentos rurais e mudanças locais: uma introdução ao debate**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIELKE, E. J. C. **Desenvolvimento Turístico de Base Comunitária**. Campinas: Átomo & Alínea, 2009.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. São Paulo: Editora Vozes Limitada, 2001.

MORRISSAWA, M. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

NASCIMENTO, I.R., ANDRADE G. S. Perspectivas de implantação do TBC no assentamento Padre Nestor/ SE, sob a ótica dos assentados. In: **III Seminário Internacional de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável & IV Workshop Internacional Pesquisa e Resiliência Ambiental**, 23 a 26 de novembro de 2022, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

NOBRE, F. E. C. et al. Potencialidades e caracterização da produção agrícola familiar: uma análise a partir dos quintais produtivos. **Retratos de Assentamentos**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 179-203, 2021.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Os objetivos de desenvolvimento sustentável no Brasil**. Brasília: ONU, 2015. Disponível em: <https://www.un.org/pt.br/sdgs>. Acesso: 13 dez. 2021.

PENA, L. C. S.; BRASILEIRO, I. L. G.; SANTOS, A. R. D. Turismo e sustentabilidade em territórios de assentamentos rurais da reforma agrária. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 7., São Paulo. **Anais...** São Paulo, p. 20-39, 2010.

PETROCCHI, M. **Turismo**: planejamento e gestão. São Paulo: Futura, 1998.

POLLAK, M. Memória e identidade Social. **Revista dos Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 1-6. 1992.

RAMIRO, P. A.; DIAS, I. M. Identidade e turismo nos espaços rurais dos assentamentos de reforma agrária no Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, [S.], v. 2, n. 47, p. 1-16, 2011.

SÁ, A. F. A. **Filigranas da memória**: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos (1993-1997). 2006. 489f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SCHÄRER, R. **Economia Solidária e Turismo de Base Comunitária** – Uma Experiência Brasileira. Soltec: UFRJ, 2008.

SANTANA, M. C. S. **Participação política e produtiva**: estudo das relações de gênero no Assentamento Moacir Wanderley-Quissamã(SE). 1997. 203 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1997.

SAVOLDI, A.; CUNHA, L. A. Uma abordagem sobre a agricultura familiar, PRONAF e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970. **Revista Geografar**, [S.], v. 5, n. 1, p. 12-25. 2010.

SERGIPE. Secretaria de Estado do Turismo. **Cartilha para orientação do mapa do turismo**. Aracaju: SETUR, 2021. Disponível em: [https://www.se.gov.br/uploads/download/filename\\_novo/2851/8029517a20371ff566c48115157ac3a6.pdf](https://www.se.gov.br/uploads/download/filename_novo/2851/8029517a20371ff566c48115157ac3a6.pdf). Acesso em: 05 dez. 2021.

SILVA, F. P. S.; MARTINS, L. C. A. Mergulhando em memórias, tecendo culturas e construindo histórias: o diálogo entre a história e o turismo de base comunitária. **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 24-37. 2012.

SILVEIRA, M. A. T. Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo rural**: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, p. 133-150, 2001.

SIMULA, P. **Relações humanas e cooperação**: para transformação dos seres humanos, escolas e cooperativas. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SOUSA, P. G. **Turismo em assentamentos de reforma agrária no Nordeste do Brasil**. 2017. 236 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SOUZA, M.; KLEIN, A.L. Rural, ruralidade, pluriatividade e multifuncionalidade do desenvolvimento rural. In: SOUZA, M.; DOLCI, T. S. (orgs.). **Turismo rural: fundamentos e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 9-22, 2019.

STÉDILE, J. P. Questão Agrária. In: CALDART, R. et al. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, p. 115-145, 2012.

TAVARES, A. **City Tour**. São Paulo: Aleph, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

TUCUM. Rede Brasileira de Turismo Comunitário. In: INTERNATIONAL SEMINAR ON SUSTAINABLE TOURISM, 2., Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, p. 10-25, 2008.

\_\_\_\_\_. **Caderno de Normas da Rede Tucum** - Rede Cearense de Turismo Comunitário. Fortaleza: Instituto Terramar, 2013.

TULIK, O. Turismo e desenvolvimento no espaço rural: abordagens conceituais e tipologias. In: SANTOS, E. O.; SOUZA, M. (orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, p. 2-22, 2010.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático de DRP. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário; Secretaria da Agricultura Familiar, 2007.

ZANDONADI, B. M; FREIRE, A. L. O. O meio rural como atrativo para o agroturismo em Venda Nova do Imigrante (ES): o caso da família Carnielli. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO NO MERCOSUL, 7., Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, p. 1-16, 2012.

## ANEXO I QUESTIONARIO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**



### Entrevista Semiestruturada

#### I. Informações Gerais

- 1.1. Entrevistado N: \_\_\_\_\_  
 1.2. Idade: \_\_\_\_\_  
 1.3. Sexo: ( ) masculino ( ) feminino ( ) outros

#### II. Sobre o Assentamento

2.1. Quando você e/ou sua família chegou no Assentamento? O que te motivou a morar aqui?

---

2.2. Você sempre trabalhou no campo? Se não, o que fazia antes?

2.3. Quais produtos agrícolas são produzidos em seu lote e no seu quintal?

---

2.4. Quais produtos não agrícolas são produzidos pela família ou por algum membro da família (artesanato, culinária, outros)?

---

2.5. Como e onde você comercializa sua produção agrícola e não agrícola?

---

#### III. Sobre o Centro Estadual de Capacitação Canudos

3.1. O que o Centro representa para a comunidade?

---

3.2. Que atividades ocorrem neste espaço?

---

3.3. Como/Qual é a sua participação junto ao Centro?

---

#### IV. Sobre Turismo de Base Comunitária

4.1. Você sabe o que é o TBC?

---

4.2. Que tipo de benefícios o TBC poderia gerar para a comunidade?

---

4.3 Você gostaria de participar da organização do TBC na comunidade? Como você gostaria de participar da organização?

---

4.4 Quais os atrativos turísticos que você identifica na comunidade? Você considera o Centro como um atrativo para visitaçãõ?

---

4.5 Quais as dificuldades para organizar o TBC na comunidade?

---

**V. Comentários Adicionais:**

---

---

Data: \_\_\_\_ \ \_\_\_\_ \ \_\_\_\_

**Vivencia “Saberes e Sabores “ no Assentamento Moacir Wanderlei-SE.**

Nome : \_\_\_\_\_

Tel.Contato (    ) \_\_\_\_\_ \ \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Motivo da Visita: \_\_\_\_\_

Autoriza realização e publicação de imagens e áudio, referentes a atividade

(    ) sim            (    ) não

Assinatura

**FICHA DE AVALIAÇÃO**

**Vivencia “Saberes e Sabores “ no Assentamento Moacir Wanderlei-SE**

**1.Alimentação:** (    ) bom            (    ) razoável            (    ) péssima

Sugestão :

**2.Acolhimento ( dorminda):** (    ) bom            (    ) razoável            (    ) péssima

Sugestão:

**3.Programação:** (    ) bom            (    ) razoável            (    ) péssima

Sugestão:

**ANEXO II IMAGENS BELEZAS,SABERES E SABORES DA TERRA NO  
ASSENTAMENTO MOACIR WANDERLEY.**

Imagens 1 e 2 : Curral Coletivo e Rio Poxim Mirim



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Imagens : 3 e 4 Rua de Acesso ao Assentamento , Rua do posto de Saúde, da Igreja Católica, Escola Estadual Paulo Freire .



Fonte : Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Imagens : 5 e 6 Culinária local, pratos servidos no Espaço Quissa ( peixe frito e queijo coalho).



Fonte : Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022

Imagens : 7 e 8 Artesanato local, peças feita de crochê, ponto cruz, rede de pesca, etc.



Fonte : Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.

Imagens: 9 e 10 Plantas ornamentais e medicinais, e fitoterapia (xaropes, inaladores).



Fonte : Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022

Imagens 11 oficinas de DRPs , 12 bastidores da gravação do vídeo



Fonte: Maria Rosa do Carmo Oliveira, 2022.